

O Portador da Luz Para os buscadores da Verdade

Lúci^ufer[®]

Temas atuais vistos à luz da Sabedoria Antiga ou Theo-Sophia – a fonte comum de todas as grandes religiões, filosofias e ciências do mundo

**Ensinos
Esotéricos partes 1 e
2, de G. de Purucker**

**Emanação na
literatura mundial**

**Ubuntu: eu existo
porque nós
existimos**

**O processo de
nascimento de um
planeta**

**Relação entre o
planeta Vénus e as
abelhas**

**Podem os animais
aprender a pensar ?**



Editorial

p. 46

Ensinamentos Esotéricos partes 1 e 2 por G. de Purucker

p. 47

Com a recente publicação da parte 8 de “*Esoteric Teachings*” [*Ensinamentos Esotéricos*], de G. Purucker, a reimpressão renovada da série de doze partes está completa. Renovada, isto é, que o foi feito completamente idêntica aos textos originais aprovados por G. de Purucker. Discutiremos estas séries nos próximos Lúcifers, escrevendo dois fascículos de cada vez. A começar pelas partes 1 e 2: *A via esotérica: a sua natureza e os seus testes e a Escola Esotérica Oriental: passos no ciclo iniciático.*

Bouke van den Noort

A emanção na literatura mundial

p. 51

Há um ensinamento que explica logicamente como é que tudo se transforma naquilo que é. Um ensinamento que também oferece uma perspectiva e mostra o que é que a vida significa

Barend Voorham

Ubuntu

Eu existo porque nós existimos

p. 58

À medida que nos tornamos mais conscientes da unidade universal de toda a vida, nós encontramos também mais harmonia interior. Em África, encontramos uma especial filosofia que, pela sua ênfase na interconexão das pessoas, incorpora esta visão universal. Em Maio de 2017, Joop Smiths escreveu um artigo intitulado: “Ubuntu, eu existo porque nós existimos”. Este artigo foi remetido para publicação.

Joop Smiths



A Teosofia na Natureza

O processo de nascimento de um planeta

p. 68

Como é que um planeta nasce? Se tudo é vivo e se todos os próprios seres ciclicamente encarnam, então os seres solares e os seres planetários devem ter também qualquer coisa como um processo de nascimento.

Henk Bezemer

Há uma relação entre o planeta Vénus e as abelhas?

p. 73

Dentro do Movimento Teosófico têm crescido alguns mal-entendidos à cerca da origem das abelhas. Alguns estudantes de Teosofia acreditam que as abelhas “vieram do planeta Vénus”. Eles baseiam esta ideia na interpretação de algumas insinuações veladas em *A Doutrina Secreta* e em *O Oceano da Teosofia*. Isto é verdade ou não? Há alguma relação entre Vénus e as abelhas? Se assim é qual o seu carácter? Um assunto fascinante, à cerca do qual tentaremos dar um pouco mais de clareza neste artigo, que é o último de uma série de três artigos à cerca das abelhas.

Henk Bezemer

Perguntas e Respostas

78

- » Atlântida e o Rāmāyaṇa
- » Podem os animais aprender a pensar?



Editorial

Lúcifer, o Portador da Luz, está a ganhar cada vez mais e mais leitores. Isto não é devido apenas ao facto de o número de leitores da nossa edição em inglês estar a aumentar, mas também porque o *Lúcifer* em inglês está a ser traduzido em espanhol e português, graças à ajuda de alguns dedicados amigos em Espanha e Portugal. A edição espanhola já tem algum tempo, mas recentemente começámos a aparecer também em português, e já temos leitores, não só em Portugal e Brasil, mas presentemente também em Angola e Moçambique.

Naturalmente que estamos muito felizes com isto. Acima de tudo, os conhecimentos teosóficos são universais e ajudam todos a compreender melhor a Sabedoria Divina. E através da compreensão própria podemos aplicar este conhecimento nas nossas próprias vidas. Devido aos tempos difíceis que estamos vivendo, a luz da Teosofia é mais necessária do que nunca.

Mais uma vez esperamos mostrar a riqueza da Teosofia nesta publicação. Um artigo muito inspirado é àcerca de Ubuntu, a filosofia africana que, por intermédio da interconexão das pessoas, corporiza uma visão da unidade de toda a vida. Ubuntu é a crença num sagrado ordenamento universal que conecta toda a humanidade.

Começamos com uma série de artigos dos “*Esoteric Teachings*” [*Ensinamentos Esotéricos*], de Gottfried de Purucker, discutindo as partes 1 e 2 deste número, Estas duas partes são extremamente importantes. Eles fazem um apelo à responsabilidade de professores e alunos, ambos, um relacionamento místico baseado numa incondicional confiança, dedicação e lealdade. O artigo sobre a emanção providencia uma resposta lógica a uma quantidade de questões essenciais da vida. Embora esta doutrina não seja muito bem conhecida, este artigo mostra que ela pode ser encontrada virtualmente em todos os escritos religiosos e filosóficos da antiguidade. O último artigo de uma série de três sobre as abelhas trata de uma questão fascinante: há alguma relação entre o planeta Vénus e as abelhas? Este artigo também dá uma olhadela mais profunda sobre a estrutura do nosso sistema solar.

Nós vamos mesmo mais fundo no tema dos sistemas solares e planetas, no artigo “O processo de nascimento de um planeta”, na série “Teosofia na Natureza”. Parece impossível compreender este processo. Aplicando estrita e logicamente algumas leis da natureza, podemos formar uma imagem mental deste processo.

Finalmente, na nossa secção de perguntas e respostas, levantamos questões àcerca da Atlântida, do Rāmāyaṇa, dos macacos e do desenvolvimento da mente.

Esperemos que este número de *Lúcifer* contribua para um melhor conhecimento da Teosofia. Aguardamos com expectativa vossos comentários e perguntas

Os editores

Ensinamentos Esotéricos partes 1 e 2 de G. de Purucker



Com a recente publicação da parte 8 de “Ensinamentos Esotéricos”, por G. de Purucker, a republicação renovada da série de 2 partes está completa. Renovada porque as séries estão elaboradas completamente idênticas aos textos originais, aprovados por G. de Purucker. Discutiremos estas séries nos futuros *Lúcifers*, escrevendo dois artigos de cada vez. Vamos começar com as partes 1 e 2: *A Via Esotérica; a sua Natureza e os seus Testes; a Escola Esotérica ou Oriental; Degraus no Ciclo Iniciático.*⁽¹⁾

Pensamentos-chave

» Há um conhecimento exotérico ou exterior e um esotérico, interior, conhecimento não revelado. O penetrar no conhecimento esotérico não passa sem obrigações, porém requer uma atitude compassiva. Se nunca desenvolvemos a mentalidade correcta e a disciplina, nunca poderemos entender o conhecimento esotérico.

» Os conhecimentos esotéricos fazem um apelo à responsabilidade de ambos, mestre e estudante, baseados numa verdade, dedicação e lealdade incondicionais.

» O reconhecimento de um Mestre esotérico é baseado nas capacidades interiores do estudante para reconhecer as qualidades espirituais de que o Mestre é uma expressão viva.

Esotérico contra Exotérico

Em aditamento ao lado externo, exotérico, todas as grandes tradições mundiais tiveram e têm um lado interior, esotérico. Os ensinamentos exotéricos ou públicos estão disponíveis para o público em geral, muitas vezes expostos sob a forma de parábolas e metáforas como na Bíblia, ou em paradoxos como se encontra na tradição oriental com Lao Tsé no seu *Tao Te Ching*. Em ambas as formas, o significado mais profundo do conhecimento está velado- O objectivo deste “velado” é que, sem uma chave, uma pessoa é incapaz de compreender o significado mais profundo.

Os ensinamentos esotéricos, por outro lado, são mais ou menos ensinamentos desvendados que não estão directamente disponíveis para o público em geral. Consistem no conhecimento directo das leis da Natureza, da estrutura espiritual do homem e do cosmos ensinados pelos Grandes Mestres a um grupo selecto de estu-

dantes. Um grupo constituído apenas por aqueles estudantes que provaram ser merecedores e ser capazes de carregar a responsabilidade de receber esses ensinamentos.

Isto é, os que mostraram na prática que não abusariam deste conhecimento para interesse próprio.

Os doze *Esoteric Teachings* de G. de Purucker contêm, em profundidade, ensinamentos esotéricos que são estritamente confidenciais, dirigidos aos membros da Secção Esotérica (S.E.) ou da Sociedade Teosófica de Point Loma (TSPL). O facto de que eles se tornaram disponíveis para o público em geral desde a primeira publicação pública em 1980 significa basicamente que eles se tinham tornado exotéricos. Apesar disso, eles são de indesmentível valor e o seu conhecimento é tão fundamental e profundo como no momento em que foi pensado por De Purucker cerca dos anos 1930. Nem a sua publicação diminuiu de modo nenhum o grande

cuidado que se deve ter com as instruções aí contidas. Esta aborda relatos, entre outras coisas, que apontam a via pela qual estas instruções deviam ser estudadas. Os membros da SE ou da TSPL eram obrigados a começar nas partes 1 e 2 e nós avisamos seriamente os leitores para começarem com estas partes antes de passarem aos assim chamados ensinamentos técnicos das outras partes. Os *Esoteric Teachings*, partes 1 e 2, formam em conjunto a estrutura moral, a base ética que é indispensável para os seguintes estudos das outras partes.

Por que é que esta base ética é tão importante?

O motivo correcto

A questão central na parte 1 é: por que é que quer estudar conhecimento esotérico? Está a procurar este conhecimento por curiosidade ou apenas para o seu próprio desenvolvimento? Ou está à procura de conhecimento para estar melhor equipado para ajudar os outros?. Esta questão é essencial. Porque, assim avisa De Purucker, com algum outro motivo que não seja o de servir a humanidade, não há nenhuma razão para continuar estes estudos. Com um motivo egoísta, o estudante apenas ficará desapontado. Na melhor das hipóteses, ele não encontrará a entrada para os ensinamentos; numa hipótese menos favorável, o abuso destes ensinamentos pode acarretar consequências adversas para ambos, o estudante e o seu meio. Penetrar no conhecimento esotérico não é sem consequências, como se diz: não se pode brincar com a Natureza.

Atitude mental e disciplina

Se o motivo é correcto e o estudante escolheu dar o primeiro passo na via esotérica, o Caminho da Compaixão, é importante que actualmente ele treine para dominar os ensinamentos. Ensinamentos esotéricos são de uma qualidade interior, espiritual e em ordem a compreendê-los, o estudante deve desenvolver uma correspondente qualidade interior dentro dele mesmo. Um facto que é muitas vezes desprezado. Mas tal como você não pode compreender altas matemáticas sem uma preparação e esforço próprios, você não pode compreender os ensinamentos esotéricos sem uma preparação prévia. Treinar no desenvolvimento da qualidade que expressa ela própria a compaixão e o esquecimento de si próprio. Para mais, o treino esotérico vai acima do treino mental. Porque, em aditamento a uma mentalidade compassiva, a disciplina para expressar isto na vida, ser um exemplo vivo, é um requisito indispensável. Como se disse antes, não se pode brincar com a natureza, não se trata de um assunto de saber o que o

aluno deseja ser, mas acerca do que ele na realidade é. A extensão que o estudante alcançou como exemplo vivo de uma mentalidade correcta, determina a profundidade dos conhecimentos que ele pode alcançar das leis da natureza. Daí o adágio segundo o qual “a disciplina precede os mistérios”. Construindo uma visão compassiva e universal sozinho não é suficiente e o estudante terá actualmente que viver segundo as consequências dessa visão.

A mentalidade e a disciplina são representadas na parte 1 por meio de um voto que os membros da ES têm que fazer e na base das sete Pāramitās, as sete virtudes que devem ser praticadas. Ambos como parte do treino para os estudantes praticarem o altruísmo e colocarem-se eles próprios ao serviço dos outros.

Os sete Pāramitās

DĀNA, a chave da caridade e do amor imortais

SHĪLA, a chave da harmonia na palavra e no acto, a chave que contrabalança a causa e o efeito, e não deixa mais espaço para a acção kármica

KSHĀNTI, doce paciência, que nada pode perturbar.

VĪRĀGA, indiferença perante o prazer ou a dor, conquistada a ilusão, apreende a verdade despida

VĪRYA, a energia indomável que percorre o seu caminho em direcção à suprema verdade, fora do olhar dos laços terrestres.

DHYĀNA, cuja porta dourada, uma vez aberta, guia o Narjol, (Naljol) para o âmago do Ser eterno e sua contemplação infindável

PRAJÑĀ, a chave que faz de um homem um deus, fazendo dele um Bodhisattva, filho dos Dhyanis ⁽²⁾

O facto é que a prática destas virtudes, tendo mesmo um motivo certo, é apenas um pré-requisito, é demonstrado pelas seguintes palavras de H. Blavatsky, retiradas da Voz do Silêncio, que Purucker cita quando introduz os Paramitas.

Viver para beneficiar a humanidade é o primeiro passo. Praticar as seis gloriosas virtudes é o segundo.

A Escola Esotérica ou Oriental

Se o aluno realiza então os critérios certos, quando ele desenvolveu os motivos adequados, a atitude mental correcta e a disciplina correcta para ser admitido na Escola Esotérica, o ensino que ele recebe parece o quê? Este é o tópico da parte 2 dos *Esoteric Teachings: The Esoteric or Oriental School: Steps in the Initiatory Cycle* [a *Escola Esotérica ou Oriental: passos no Ciclo Iniciático*].

De Purucker começa esta parte com uma explicação sobre qual é a origem da Escola Esotérica: a Hierarquia da Compaixão. A fonte primordial do conhecimento da qual a Teosofia é originária. Ele descreve como o conhecimento veio à humanidade a partir das regiões íntimas do nosso universo através da Hierarquia Cósmica dos Buddhas de Compaixão. O conhecimento universal que tem sido regularmente revelado por vários Mensageiros ou Mestres e dos quais H.P. Blavatsky é a mais conhecida na história recente. Foi também H.P. Blavatsky quem fundou a Escola Esotérica em 1888, em ordem a trazer um conjunto de estudantes dedicados os quais ela estava segura que podiam continuar a Sociedade Teosófica e o seu trabalho. Sob a liderança dos seus sucessores, este núcleo de membros da ES esteve sob a direcção de G. de Purucker em 1929 através de W. Judge e de K. Tingley.

Educação

O modo de ensinar está originalmente baseado no mesmo princípio: estimulação pelo Mestre do que já está presente no aluno. De Purucker diz o seguinte acerca disto.

Todos os mistérios do Universo jazem dentro de si; todos os seus segredos e mistérios estão lá; e, como já disse muitas vezes, todo o progresso no conhecimento esotérico e sabedoria e treino não estão senão em desenvolvimento tal como numa flor e fruto que já estão no interior. ⁽⁴⁾

Educação esotérica é educação no sentido literal da palavra latina *e-ducere*, dirigindo para fora, ajudando a activar o que já está latente lá dentro. O Mestre faz isto dirigindo o seu foco na natureza mais elevada do seu aluno e fazendo constantemente um apelo às suas faculdades de compreensão. É então trabalho dos próprios estudantes trazer esta fruição pelos seus próprios e com os seus próprios esforços Assim, não se trata certamente de “imprimir” conhecimento, o que é tão impossível como aprender a andar de bicicleta por interposta pessoa. O Mestre pode apenas inspirar.; o estudante deve então fazer o trabalho por ele próprio, desenvolver as suas próprias capacidades espiri-

tuais e enquanto faz isto não pode apoiar-se no Mestre Parte deste treino, hermeticamente ligado à já mencionada atitude e disciplina, consiste em meditação: exercício de concentração da mente em ideias mais elevadas e universais e pensando nelas ininterruptamente. Isto requer uma concentração para a qual, primeiro que tudo, todos os pensamentos agitados de natureza pessoal devem ser silenciados. Silenciando a “mente cerebral” é, portanto, um meio, um pré-requisito para começar a meditação actual. No início, ajudará meditar em horas determinadas, mas por último deverá ser uma contínua contemplação; um foco ininterrupto num ideal universal que necessita de ser alcançado e activado em conformidade. Isto exige vigilância constante para permitir apenas aqueles pensamentos e acções que são de pura qualidade daquele ideal, em qualquer altura e sob não importa que circunstâncias.

Relacionamento místico Mestre aluno

Naturalmente o papel do Mestre na educação esotérica é da maior importância. E o Mestre está sempre lá, como uma lei da natureza, segundo a estrutura hierárquica fundamental do Universo. A Hierarquia dos Buddhas da Compaixão tem sido anteriormente referida de forma breve, uma hierarquia também conhecida por *Guruparamparâ*, ou Cadeia Dourada de Hermes: uma cadeia sucessiva de Mestres que opera a partir das regiões mais interiores do cosmos que é o nosso planeta, e que está permanentemente em actividade. O Mestre, em cada nível, está sempre lá, está sempre pronto a ensinar. Mas é trabalho do aluno preparar-se ele próprio, para “bater na porta a pancada certa”, para entrar em contacto com o Mestre e ser capaz de receber os ensinamentos. A enorme responsabilidade do Mestre para transmitir os ensinamentos esotéricos fala por si própria. Mas há também uma grande responsabilidade por parte do aluno para tratar com grande cuidado os ensinamentos que ele recebe. Isto requer um vínculo especial entre o Mestre e o aluno, que é descrito como sendo parecida à do pai e do filho. Trata-se de um relacionamento místico e sagrado baseado na confiança e na lealdade incondicionais.

Em aditamento, o aluno também tem o dever de ser aconselhável fazer ele próprio passar o conhecimento para alguém que saiba menos do que ele. Algo que é a consequência lógica de quando se estudam os ensinamentos sobre o motivo da compaixão. Inteiramente alinhados com a Hierarquia Espiritual da Compaixão é o dever do discípulo transmitir tanto da Luz quanto está autorizado e capaz de o fazer. É um dever cuja omissão é compará-

vel à água que, quando já não corre mais, fica estagnada e, portanto, se torna um terreno propício à doença moral e à morte.

Objectivo e destino

A única razão de ser da Sociedade Teosófica é eliminar o sofrimento da humanidade. É apenas com este objectivo que a Sociedade Teosófica foi criada em 1875. O conhecimento esotérico, que não foi desvelado durante dezenas de milhares de anos, foi dado à humanidade. Conhecimento que é dado para servir de alimento espiritual com este objectivo durante os próximos milhares de anos. Conservar os ensinamentos puros e vivos é crucial em ordem a assegurar que eles não degenerem ainda numa outra religião. Viver para beneficiar a humanidade e dar tudo o que está ao nosso alcance para servir a humanidade, tal é a mensagem que De Purucker dirige aos seus discípulos. Só assim o laço com a Hierarquia do Conhecimento e da Compaixão se conservará inquebrado.

Reconhecido o Mestre

Finalmente, como é que se reconhece um Mestre esotérico? Suponhamos que De Purucker começa no seu ensinamento e aparece alguém com um documento notarial, um selo impresso e uma fita bonita, no qual está escrito que é o novo mensageiro. Qual o valor disto quando um documento pode ser destruído, forjado, posto de lado ou perdido? O reconhecimento de um Mestre nunca é, portanto, baseado em características externas, mas nas faculdades internas do estudante para reconhecer a qualidade espiritual do Mestre.

A prova de ser um verdadeiro Mestre não está apoiada num documento externo, mas dentro do próprio Mestre, no seu modo de viver. Um verdadeiro Mestre esotérico será sempre uma expressão viva dessas qualidades. Ele será o exemplo vivo da compaixão, da sabedoria, da calma, da lealdade e da poderosa vontade espiritual. Pelo frutos se reconhece a árvore. E uma vez mais, o aluno é chamado à responsabilidade de desenvolver dentro dele próprio estas qualidades logo que ele reconheça o seu Mestre. Um reconhecimento que nenhum documento escrito pode igualar, porque é baseado numa convicção íntima, uma prova íntima que nada nem ninguém pode alguma vez destruir.

Referências

1. G. de Purucker, *The Esoteric or Oriental School*. Part 1, *The Esoteric Path: its Nature and its Tests*, and part 2, *The Esoteric or Oriental School: Steps in the Initiatory Cycle*. I.S.I.S. Foundation, The Hague 2015.
 2. H.P. Blavatsky, *A Voz do Silêncio*, Fragmento III, Os sete portais.
 3. Ver ref. 2 fragmento II, *As Duas Vias*.
 4. Ver ref. 1 parte 2 pág. 27
-



Emanação na literatura mundial

A nossa sociedade corrente parece conhecer apenas duas respostas para a questão de como o mundo nasceu: ou o mundo foi criado por um ser supremo ou supremos seres ou não há nenhum plano criador e tudo veio à existência por acaso, sem significado, por um processo mecânico. Há uma outra resposta, contudo, que é muito mais lógica e dá significado à vida: a emanção. Esta doutrina apoia-se virtualmente em todas as escrituras de todas as filosofias e religiões da antiguidade.

Talvez esta seja a mais importante pergunta que os seres humanos podem fazer: donde é que nós vimos? Qual é a origem do cosmos, dos trilhões de estrelas, das incontáveis galáxias? De onde vem a vida? Nós enviamos foguetes para planetas e asteroides na esperança de encontrar traços de vida. Actualmente sabemos que estamos à procura e como proceder?

A questão acerca de onde a vida vem sugere que ela deve vir de algum lado; que ela teve um começo. Aqui já encontramos o primeiro preconceito, por que é que deveria ter tido um princípio?

A religião fala em “criação”, pelo qual quer dizer que o cosmos e a vida se diz que foram criados. Mas de que é que eles foram feitos? E quem ou o que fez o criador? Pode alguma coisa ser feita do nada, como as religiões monoteístas dogmáticas afirmam?

A ideia de que a vida e o cosmos tiveram um começo é actualmente

bastante nova; ela apareceu com o surgimento destas religiões monoteístas. Em contraste, alguns “mitos da criação” das antigas religiões assumem que a criação do mundo foi o aparecimento de algo que sempre existiu. Sempre esteve lá, mas imperceptível. Surge em vida.

O Oceano Ilimitado

O fundamento de todos estes mitos da criação é que tudo sempre existiu, e que tudo sempre existirá. Trata-se de um conceito que é difícil de imaginar, especialmente para uma pessoa com uma educação ocidental, que está familiarizada, desde a infância, com a ideia do princípio e fim da vida.

Em contraste, imagine um Oceano ilimitado de Ser onde não há margens. Nem superfície nem fundo. Apenas existe água.

Esse Oceano representa a Vida. Ela não é composta de substância com a qual nós estejamos familiarizados. É

Pensamentos-chave

» O princípio da substância-consciência é o fundamento ilimitado e eterno de tudo quanto existe.

» No ilimitado, a “vibração” começa: a mónada prepara-se para se manifestar uma vez mais.

» De dentro daquela vibração – a mónada – alguma coisa flui, para a qual as outras mónadas são atraídas. Isto dá origem a uma associação cooperativa hierarquizada de mónadas, para que todas elas ganhem experiências



composta daquilo que nós devíamos chamar princípio da consciência-substância: matéria-viva ou vida-material. É espírito e matéria como um todo homogêneo. Todavia, tudo o que conhecemos vem daí e, sim, é esse Oceano. Há um número infinito de “ingredientes” dentro dele. Todos esses ingredientes, cada gota, cada molécula, é vida. Este Oceano é a Realidade Absoluta, ou Espaço sem Limites, mas estas duas não são senão expressões que tentam evocar um pouco de uma imagem da incompreensibilidade da vida *per se*.

Nesse espaço ilimitado alguma coisa acontece com intervalos regulares. Um processo tem lugar. Alguma coisa borbulha nesse Oceano. A partir de dentro, qualquer coisa acorda.

Não há palavras nas nossas línguas modernas que representem adequadamente este processo. Cada palavra é uma metáfora, uma imagem, que nunca descreve exactamente o que actualmente acontece. No entanto, não temos outros meios a não ser palavras para representar pelo menos algo daquele majestoso processo.

Vamos portanto chamar a este relativamente primeiro começo uma vibração. Houve sempre vibrações e sempre as haverá. Por isso, nós falamos enfaticamente da relativamente primeira vibração. Não pode haver um absoluto primeiro começo. Não pode haver nenhum começo ab-

soluto ou ponto final no ilimitado. Portanto, a vibração que chega é o resultado de uma vibração anterior que veio para se estabelecer outra vez. É o processo cíclico de actividade e passividade. Assim, cada começo é um novo começo. Cada agitação no Oceano é o reaparecimento de um mundo, um cosmos, um ser. Isso é o ponto onde o processo de emanação começa.

Mónadas

Aquela vibração como tal não é uma emanação. Literalmente emanação quer dizer fluir para diante, efusão ou derramamento. De que é que esta vibração emanaria? Aquela vibração é um ponto, um vórtex do e no Oceano ilimitado. Não é nada senão uma agitação. Podia também chamar essa agitação um reflexo ou uma gota radiante: a gota de água reflectindo todo o Oceano. Portanto, no seu interior, aquela gota é tão ilimitada como o Oceano Ilimitado, de que ela é uma parte.

Qualquer pessoa que faça um estudo imparcial dos vários escritos religiosos da literatura mundial repara que a esta vibração têm sido dados diferentes nomes. Pitágoras e outros falaram da mónada. Nos escritos hindus encontram-se termos como *Ātman* e *Paramātman*. Deve chamar-se a isso uma Centelha do Infinito ou uma Semente Espiritual. Os nomes, contudo, não são importantes. Há volumosos

livros escritos acerca do exacto significado destes diferentes nomes, o que neles pode ser muito instrutivo, porque eles expandem a nossa visão. Mas na mais profunda essência nós nunca podemos compreender completamente aquela primeira vibração, porque é essencialmente ilimitada

Emanação

O processo que vai ter lugar quando o Oceano for agitado e a ondulação for criada é o que chamamos emanção. Como se descreve isto?

A mónada, essa essência espiritual – ou seja qual for o nome que se queira dar a essa ondulação – origina qualquer coisa que emerge de si própria, qualquer coisa que se transformará num cosmos: uma corrente de ondulações mais pequenas, que não estão fora da primeira onda, mas formam as partes mais exteriores dela; ondas dentro de uma onda. A metáfora que nós usamos muitas vezes nisto é que alguma coisa flui – emana – a partir da mónada. É essa torrente fluindo para fora que traz cada vez mais ondulações no Mar ilimitado do Ser. Evoca ainda mais outras ondulações mais pequenas, subcorrentes.

A Mónada Origem ou a primeira vibração está conectada com outras mónadas do Oceano; mónadas que expressam menos que os potenciais ilimitados de infinitas possibilidades. Nós dizemos que essas mónadas são menos desenvolvidas, “desembrulharam” ou “desdobraram” menos das possibilidades que estão dentro delas próprias. Na sua essência, as mónadas são admitidamente idênticas umas às outras. Elas são reflexos do ilimitado. Elas só diferem no grau em que desenvolveram os seus poderes e capacidades interiores.

Para usar outra metáfora, a mónada dá origem a uma corrente eléctrica de dentro de si própria, que gera um campo eléctrico no Oceano para as quais outras mónadas não desenvolvidas – as quais, naturalmente, fazem parte do mesmo Oceano – são atraídas. Daí que, num processo de colaboração, é construído um veículo. Esse veículo não é a própria mónada – a primeira ondulação no Oceano – mas incontáveis outras mónadas agrupavam-se à volta daquela corrente

Isto é sugerido como se aquelas mónadas menos avançadas emanassem ou fluíssem de dentro da primeira mónada. Mas mesmo este “emanar de” não deveria ser tomado literalmente como se um ser pudesse criar outros seres; é metafórico. As mónadas menos desenvolvidas pertencem à “fonte”, à “mónada principal”, porque têm uma correspondente afinidade. Afinal de contas, elas colaboraram com aquela “mónada principal” em numerosas ocasiões

em períodos prévios da existência, quando uma ondulação também era criada no Oceano. A maior correspondência existe, a mais próxima cooperação é com a mónada que causou a agitação no Oceano.

Assim, com a ajuda das incontáveis outras mónadas, a “mónada principal” fabrica um veículo – uma alma ou ponto focal da consciência como nós lhe chamamos, através do qual ela pode ganhar experiências e portanto crescer em consciência. Ou seja, ela pode chegar a um conhecimento maior e a uma maior consciência naquele Oceano sem margens no qual ela é uma ondulação.

Hierarquias

Agora, o Oceano da Vida tem muitas camadas. Há, por outras palavras, muitas “divisões” que, embora feitas da mesma água, estão todas em diferentes estados, tal como o gelo, a água líquida e o vapor de água são feitos das mesmas moléculas de H₂O mas diferem umas das outras em estado.

O primeiro veículo – a primeira alma- que constitui a mónada- é a mais nobre. Nós chamamos-lhe a alma divina. Ela tem a maior amplitude de consciência. Aquele veículo, também ele, agita-se no Oceano, ou, para usar a mesma metáfora como antes, causa uma corrente para fluir para fora a partir de dentro de si, gerando um “campo eléctrico” que atrai outras mónadas que têm uma correspondente característica. As funções de uma alma-veículo são como um transformador que transforma a corrente eléctrica numa voltagem diferente.

Temos que ser consciente que todas aquelas mónadas são parte do mesmo Oceano e portanto têm estado sempre lá. Deste modo, naquela esfera – vamos chamar-lhe esfera espiritual – a alma-veículo é formada também, a qual funciona também como um transformador. A corrente, então, “desce” ainda mais forte, para aquela esfera do Oceano a que nós podemos chamar o plano do pensamento, no qual qualquer coisa é estimulada para a actividade e uma alma-veículo é formada: um veículo-alma com um pouco menos de consciência. E também aquela alma-veículo agita o Oceano numa ligeiramente mais baixa “área” e da mesma forma uma “alma-animal” é formada. E o relativo resto do ponto final é aquela superfície – aquele segmento do Oceano – a que nós chamamos mundo físico; o mundo que nós, humanos, vivendo neste planeta Terra, podemos perceber com os nossos sentidos.

É através do processo de emanção que a hierarquia da vida emerge, com os seres mais avançados sendo a base para os menos avançados. Não no sentido de eles criarem

os outros, mas que, por causa das suas presentes actividades, eles proporcionam algo para emanar, para irradiar, um certo campo, através do qual as mónadas adormecidas – todas parte do mesmo Oceano – foram acordadas.

Religiões e mitos

Qualquer pessoa que possa imaginar mais ou menos este grande processo de emanação encontrará facilmente esta imagem na literatura religiosa mundial, embora as metáforas usadas difiram muitas vezes e a clareza não seja sempre a mesma. As assim chamadas histórias da criação – quer as retire da Índia, de África, da Grécia Antiga, dos Egípcios ou dos antigos mitos dos Nativos Americanos ou dos da Cristandade – são sempre histórias da emanação. Alguma coisa que já existe mas que é reexpresso através do processo de emanação. Aparece no plano externo, dentro de um campo ou esfera que ocasiona algo mais que emerge de si próprio.

Contudo, muitas vezes, através dos séculos, o imaginário perdeu o seu poder ou a significação atrás do mito perdeu-se. O imaginário é mal interpretado. Em cada época as assim chamadas “histórias da criação” são colocadas fora do homem, como se fosse um processo que tivesse lugar fora de nós, constituindo esta visão uma degenerescência. A doutrina expressa-se então num ou em vários deuses que estão fora da sua própria criação. Um estudo imparcial dos textos originais, contudo, torna claro que a criação do cosmos e do homem é sempre um processo de “ondulação para o exterior”; o que está dentro emerge para fora. Gostaríamos de dar alguns exemplos disto.

Bhagavad-Gītā (Hinduísmo)

Hinduísmo, ao contrário das religiões monoteístas, ensina o aparecimento cíclico dos mundos. Apesar disso, até mesmo nesta religião há padres e crentes que falam de criação no sentido de construir o mundo a partir do nada. Contudo, há numerosos textos que contradizem isto. Vamos voltar para o livro mais sagrado dos Hindus: O Bhagavad-Gītā. Diz Krishna:

Todo o Universo é permeado pela minha forma invisível. Todas os seres de Mim provêm, mas Eu não tenho origem neles

Porém todos os seres não estejam em mim; contemple o meu divino Mistério causando a existência dos seres, eu não resido neles.

Como o poderoso ar permeia tudo e está no Ākāśa, saiba que todos os seres na mesma maneira estão dentro de Mim.⁽¹⁾

Noutro capítulo diz Krishna:

Eu trouxe à existência todo este Universo, com apenas uma parte de mim E ainda assim permanece separada⁽²⁾

O processo da emanação é facilmente reconhecido. Krishna, a mónada, a ondulação no Oceano, gera alguma coisa, emana de si própria uma torrente de vida. Esta torrente “desce” através de um número de conexões, eclusas, transformadores – as várias almas-veículos formados – e acha o seu relativo ponto final neste mundo material. Todo o Universo vem de Krishna e mesmo assim ele fica separado dele, permanece na sua própria esfera. Nesta conexão Krishna é algumas vezes comparado ao Sol, que



emite os seus raios em todas as direcções. Mas ele próprio permanece na sua própria área. Não se deve pensar nestes raios como meramente físicos, mas vê-los como mananciais de vida. Ondulando no Oceano.

Apesar disso, Krishna suporta o Cosmos a que ele deu forma apenas como uma parte dele próprio, nomeadamente no sentido de que ele é a força atrás ou dentro de todas aquelas diferentes manifestações. Ele trabalha através de e naqueles diferentes seres. Ele trouxe-os para a actividade. Nós, humanos, não estamos actualmente a fazer a mesma coisa, embora num nível mais baixo? Quando um ser hu-

mano nasce, quando ele acorda dos sonhos, ele sonhou no mundo dos sonhos a que nós chamamos morte, ele também causa uma ondulação, ele também cria uma atmosfera. Para essa atmosfera são atraídos todos os elementos que têm a mesma espécie de características que ele tem. Vamos olhar para o corpo físico, que é sempre o mais fácil para nós, porque podemos observá-lo. O ovo foi fertilizado. Um ponto focal foi criado na área física e todos os blocos de construção vivos foram atraídos para ele, todos aqueles átomos e células que constroem o veículo do ser humano que está prestes a nascer. A alma humana dá-lhe o nascimento e permeia-lhe o corpo, dá-lhe o nascimento, emana-o, mas permanece separada dele. Acima de tudo, ele não é o seu corpo. Ainda aquele “corpo total”, o “mini-cosmos físico”, que é o corpo com todos os blocos de construção que o compõem é permeado pelo ser humano. O próprio ser humano não está no corpo, nem nas células, nem nos átomos. Eles estão no homem, mas o homem não está neles.

Avatamsaka (Budismo)

A ideia de emanação pode também ser encontrada no Budismo, em especial no Budismo Mahayana, embora, é claro, em termos budistas. Além disso, encontra-se ligado ao ensinamento a ideia de que todo o ser humano – uma emanação do relativamente mais elevado Buddha, o que nós chamamos atrás a primeira ondulação no Oceano do Ser – pode expandir a sua consciência para o nível daquele primeiro Buddha.⁽³⁾

O excerto atrás é do *Avatamsaka Sūtra* (Sūtra Flor de Grinalda). Este texto sagrado budista traça um quadro do entrelaçamento do Um (O Supremo Buddha) com a vasta diferenciação de seres em todos os estádios de desenvolvimento, chamados *dharma*s. “Dharma” é uma palavra sânscrita que pode ser traduzida por Lei ou Dever, tal como o dever individual de cada ser e, naquele sentido, cada entidade manifestada. Estaremos muito errados se concebermos o “Uno honorável do Mundo” ou o relativamente Supremo Buddha como a primeira ondulação no Oceano e todos os dharmas como as ondulações que ele gera? Para mais, é claro a partir deste texto que ele considera seu dever compassivo elevar todos aqueles dharmas – todos aqueles outros seres – até ao seu nível.

Naquela altura, o Uno Honorável do Mundo, sentado no seu trono, tinha realizado a sua suprema Iluminação olhando para todos os dharmas. A sua sabedoria penetrava os três períodos de tempo com um nível e igualdade completas. O

seu corpo penetrava todos os mundos. O seu som alcançava cada uma de todas as terras das dez direcções, tal como o espaço contém todas as coisas, mesmo sem diferenciação entre elas; ora como o espaço permeia tudo, entrando imparcialmente em todas as terras. A sua forma física, eterna e ubíqua, estava sentada em todas as bodhimandas. (= estado de despertar ou estado de desenvolvimento; BV).

No meio das multidões de Bodhisattvas, o Buddha emitia uma luz imponente e magnífica. Como quando o sol nascente ilumina o mundo inteiro. O grande oceano de múltiplas bênçãos cultivados nos três períodos de tempo, já tinha sido purificado. E ainda o nascimento constantemente manifestado em todos os Países de Buddha. As suas marcas físicas sem limites eram perfeitas e plenas. A sua irradiação penetrava todo o Reino do Dharma igualmente e sem discriminação. A sua proclamação de todos os Dharmas assemelha-se a uma grande nuvem espraçando-se para fora. A ponta dos seus cabelos acomodava-se a todos os mundos sem obstrução. Em cada um ele manifestava o seu poder de penetração espiritual sem limites para ensinar, transformar, domar, submeter todos os seres sencientes. O seu corpo enche as dez direcções, sem chegar nem partir. A sua sabedoria penetrava todos os fenómenos e sondava o vazio e a calma de todos os dharmas. Cada transformação espiritual de todos os Buddhas dos três períodos de tempo sem excepção era visível dentro daquela luz, e todos os adornos das terras de todos os Buddhas através de inconcebíveis éons estavam ali completamente manifestados.

A Bíblia

O processo da emanação pode também ser encontrado nas escrituras judaico-cristãs, desde que as tenhamos de ler um pouco mais de perto. Isto é necessário porque, por outro lado, as traduções do Velho Testamento Hebreu da Bíblia, se conscientemente ou não, deturparam muitas vezes o significado original dos textos. Por outro lado, séculos de interpretação antropomórfica tornaram difícil para nós o acesso a uma compreensão objectiva, porque a linguagem da Bíblia não pode ser tomada literalmente. Apesar de tudo isto, pode ser reconhecido o processo de emanação. Tome-se o primeiro verso do Génesis, o primeiro livro da Bíblia, como exemplo. Diz-se que o espírito de Deus pairava sobre as águas. O que são estas águas? E o que é o Espírito de Deus? Não se vê claramente aqui a imagem do Oceano? Ou pelo menos uma das suas “subdivisões”? — sendo um estado, uma inércia ou descanso? É aquele espírito de Deus que passa através das águas como uma vibração. Agitando as já presentes “gotas de água”

– as entidades adormecidas – para a actividade ou vida. Além disso, se sabe que a palavra “Deus” é uma tradução errada do hebraico “Elôhîm” – uma palavra plural, que devia portanto ser traduzida por deuses – então a imagem de um Deus criador que mora fora da sua própria criação desaparece como a neve debaixo do sol e abre caminho para a ideia de emanação. Agitando o Oceano, cujo resultado se traduz na hierarquia das mónadas regressar à vida. Adão – homem ou humanidade – também não foi criado no sentido literal da palavra, se compreendermos correctamente o texto do Génesis. Ele é (ou são) feitos à imagem-sombra (*tselem* é a palavra hebraica) dos Elôhîm Os humanos são as sombras, as projecções ou emanações dos deuses.⁽⁴⁾

Essa vida emana por estádios, degrau a degrau, é explicada claramente nas hierarquias definidas na Kabala judaica. Ao antigo símbolo da árvore com as suas raízes no céu é dado no simbolismo judaico o nome de *Sephirot*, uma palavra que quer dizer emanação. A árvore *Sephirot* está enraizada em *Ain-Soph* (o Ilimitado). As raízes daquela árvore são outra metáfora à qual nós chamámos atrás a relativamente primeira ondulação. A partir destas raízes emana, desenrola uma hierarquia décupla.

A ideia de emanação era tão amplamente conhecida no início do Cristianismo que as autoridades eclesiásticas não pouparam esforços para a aniquilar, porque ela era contrária aos dogmas eclesiásticos então aprovados.⁽⁵⁾

Gregos e Gnósticos

A mitologia grega tem um quadro muito semelhante ao do Génesis. Há o Caos. O que é que significa o caos? Segundo Ovídio em *Metamorfoses* (Livro 1) é uma massa sem vida, informe e pura. É também representada como o Vazio ou Abismo, mas apesar de tudo é alguma coisa onde todas as sementes estão armazenadas, e que podem mais tarde crescer e transformar-se em coisas existentes. É muitas vezes referido como Espaço. Parece como se os gregos – mais tarde os romanos – andaram à procura de palavras para exprimir esta ideia. Tal como nós ainda procuramos as expressões correctas e temos que usar palavras como Oceano e Mar para indicar o Ilimitado.

Em qualquer caso, é claro que, quando algum movimento surge no Caos, a hierarquia cósmica – a ordem mundial – é trazida à existência. Não criada, mas recordada.

O Gnosticismo tem ainda outra metáfora para explicar a ideia de emanação. Como se torna muitíssimo claro a partir dos textos achados em Nag Hammadi, nas areias do deserto do Egipto. O processo de emanação é descrito

muitas vezes com uma elevada imaginação e com mitos pictóricos.

No topo daquela hierarquia está Deus, o Pai, que é a expressão gnóstica para o Ilimitado. Ao qual nós chamamos o Oceano. Na verdade, Deus, o Pai, é descrito só por negações, quer dizer, tudo o que se diga acerca dele é o que ele não é. Ele não tem fronteiras, nem propriedades, nem qualidades, não tem tamanho, nem forma, ele não é um ser.⁽⁶⁾ Se se despe de todas as suas propriedades, não fica nada a não ser um Princípio, uma Abstracção, uma Ideia, um “Oceano mítico”. A partir e de dentro desta ilimitação, então, uma hierarquia de seres surge através do processo de emanação. Por outras palavras, “em alguma parte” nessa ilimitação há um ponto primordial – a nossa vibração – através da qual um ser rompe para diante outra vez, por assim dizer, a partir do invisível, do imanifestado, para o mundo manifestado, e ocasiona turbulência no oceano. As várias emanações são chamadas éons no Gnosticismo. Éons são mundos e seres. Isto faz sentido porque cada mundo é um ser. Cada éon, por sua vez, é a fonte a partir da qual surgem os éons menos desenvolvidos. Assim, um grande número de hierarquias de éons, muitas filas de éons hierarquicamente organizadas, emergem.

Alcorão

Aqueles que têm olhos para ler nas entrelinhas encontrarão a ideia de emanação no Islão. Um dos versos mais cotados do Alcorão é o assim chamado Verso da Luz, al *Nur*, verso 35, em sura 24):

Allah é a luz dos céus e da terra. Um exempla de Sua luz é como um de um nicho no qual está uma candeia, esta está num recipiente; e este é como uma estrela brilhante, alimentada pelo azeite de uma árvore bendita, a oliveira, que não é oriental nem ocidental, cujo azeite brilha, ainda que não o toque o fogo. É luz sobre luz!

Primeiro que tudo, este verso revela que Allah é algo mais do que aquele Deus pessoal como o vêem muitos muçulmanos. Podia Allah (o Todo) não ser o mesmo que o Deus Pai dos Gnósticos, algo desprovido de todos os atributos e qualidades? A assim chamada *Shahada*, o credo dos muçulmanos, consiste nisto: “*la illaha illa llaah*”. Usualmente, isto é traduzido por “não há outro Deus a não ser Deus”, mas literalmente diz: “não há Deus, há um só Deus”. Uma afirmação e uma negação na mesma asserção. Ou então não há nada de concreto acerca disto.

O Versículo da Luz indica que dos reinos espirituais (a

luz dos céus) através de um número de conexões, a vida é transformada em reinos mais baixos. Nesta perspectiva, é interessante que a frase (luz sobre luz) se encontra exatamente nos mesmos termos em Plotino, o filósofo neoplatónico da emanção. Que mais tarde exerceu grande influência nos sufis.⁽⁷⁾

A ideia de emanção está também reflectida nos 99 nomes atribuídos a Allah. Um nome denota um atributo. E se alguém tem um certo atributo, então ele não deve ter outro atributo. Portanto, atributos – não importa quão exaltados – têm sempre certa limitação dentro deles, ao passo que o princípio Allah é actualmente ilimitado. Parece que com estes nomes a grandeza e infinidade de Allah está deformada.

Muitos académicos muçulmanos de outrora, tal como Ibn-al-Arabi, resolveram este problema como segue. A unidade e a onipotência de Allah não pode ser discutida. Allah é o Supremo acima de todos os atributos. Esta é a premissa básica. O manifestado existe apenas através de atributos, através dos nomes de Allah. Assim, o que é que são esses nomes? São as emanções que desabrocham quando no ilimitado – em Allah – um ser se prepara para se manifestar. Eles são as manifestações, os flashes de luz, raios que desabrocham na Absoluta Unidade, ao qual nós chamamos Allah.

A doutrina da emanção era tão bem conhecida no primitivo Islão, que se tornou um dos pilares do *Setenários*” ou *Batinijja*, na altura um movimento muito influente no Islão. Também se pode encontrar esta ideia entre os sufis.

Respostas para as perguntas da vida

Podíamos dar muitos mais exemplos a partir das escrituras religiosas do mundo. Podíamos referir-nos ao *Popol Vuh* da Guatemala, a Plotino e a outros neoplatónicos, e, o último mas não o menos importante, *A Doutrina Secreta*, de Helena Blavatsky que, usando as Estâncias de um antigo livro tibetano, descreve o processo da emanção. É como caminhar através de um prado alpino na primavera, onde milhares de flores florescem, mas das quais só pode colher umas poucas. Apesar disso, a partir daquelas poucas flores, podemos já tirar a conclusão de que a doutrina da emanção era conhecida em quase todas as épocas e civilizações e, portanto, merece mesmo hoje uma séria atenção. Além disso, esta doutrina tem uma elevada implicação para qualquer que tire dela as suas consequências e a tenta aplicar na sua vida.

Constatando o facto de que o cosmos e a vida não foram criados, que tudo tem existido sempre e continua a rea-

parecer em movimentos cíclicos, isso dá ao homem inigualável paz de espírito. Como é mais elevada a realização que nós experimentamos quando vivemos num cosmos vivo! Os processos na natureza são guiados por inteligências. Não há processos mecânicos. A vida emerge de um potencial espiritual.

Finalmente, é verdade que um ser só pode desenvolver aquilo que está dentro dele. E então, em princípio, tudo o que existe no ilimitado está dentro de nós, podemos continuar a crescer infinitamente. Todavia, o crescimento só pode ocorrer em conjunção e cooperação com outros. É este crescimento que explica de onde é que nós viemos, por que é que nós estamos onde estamos e provê a perspectiva do potencial de conhecimento e compaixão que está ainda inexplorado dentro de nós. É este crescimento colaborativo que dá sentido à vida.

Referências

1. *O Bhagavad-Gītā*, Capítulo 9, sloka 4-6
 2. Ver ref. 1 cap. 10, sloka 42.
 3. Sūtra da Flor do Adorno, <http://www.cttbusa.org/avatamsaka/avatamsaka1.asp>.
 4. Para uma tradução alternativa dos primeiros versos do Génesis, ver De Purucker, *Fundamentals of the Esoteric Philosophy*, cap.8, blavatskyhouse.org/reading/gotfried-de-purucker.
 5. H.P. Blavatsky, Ísis sem Véu, parte 2, p.34, [edição original inglês].
 6. V. “O Apócrifo de João”, Biblioteca Nag Hamadi em Inglês, James M. Robinson, Editor Geral, E.J.Brill, Leiden, Nova Iorque, Copenhaga, Colónia,1988, p.106.
 7. Plotino, *As Eneadas*, V. 3.12.
-

Ubuntu

Existo porque nós existimos

Em Maio de 2019, Joop Smits realizou uma série de conferências sob o título de “Uma Visão Universal da Vida”. Uma conclusão era que a verdadeira ética implica pensar e agir de acordo com a nossa mais elevada visão interior da vida. À medida que nós nos tornamos mais conscientes da unidade universal de toda a vida, também encontraremos mais harmonia interior. Encontramos em África uma especial filosofia que, por meio da interconexão com as pessoas, corporiza esta visão universal. A conferência *Ubuntu – Eu existo porque nós existimos* foi editada para publicação.

Pensamentos-chave

- » Uma definição de Ubuntu consiste em: “A crença num Convénio divino universalmente partilhado que conecta toda a humanidade”.
- » As ideias base da Teosofia e do Ubuntu são na essência idênticas.
- » Justiça inspirada de Ubuntu baseia-se no restabelecimento da harmonia e do trabalho para a reconciliação.
- » A filosofia Ubuntu é baseada na ética humana.

Uma filosofia africana na qual uma visão universal da vida pode ser encontrada — isto resultará numa surpresa para algumas pessoas. Além disso, para muitas pessoas aqui no Ocidente, a África é um continente de onde há algum tempo têm sido transmitidas muito más notícias. Mas pessoas que viveram em África por um tempo considerável disseram-me que a África está actualmente a ir bastante bem, não obstante as más notícias que nós ouvimos dos media. Assim, com este artigo sobre a filosofia Ubuntu, queremos mostrar que não há razão para pessimismo, porque, nas raízes da sua própria cultura, os africanos têm todos os ingredientes para realizar uma grande civilização.. Naquelas fontes pode-se certamente achar a inspiração para construir um grande e próspero continente. Alguns dos pensamentos que eles também aplicam na prática podem certamente

servir de exemplo para os países ocidentais. É claro que nós ouvimos notícias àcerca de ditaduras, discórdias e fome — às vezes parece um continente perdido — mas há razão para a esperança. A nossa imagem está distorcida porque a história do continente africano, tal como nós a conhecemos, foi escrita primariamente pelos europeus. A nossa imagem de África pode portanto ser chamada um mito moderno, inventada pelos ocidentais brancos, que se imaginam sempre eles próprios como seres superiores

Colónia

A palavra “África” vem dos fenícios e significa “colónia” ou “terra conquistada”. O interesse no continente africano só foi despertado quando fez falta o trabalho nas colónias, nas plantações e nas minas — resultando daí uma página negra na história da humanidade, a da discriminação

e da escravatura. E esta página foi muito longa na história humana O apartheid na África do Sul não foi abolido senão em 1990.

A actual história da África está envolvida em mistério. Os fósseis mostram que o ser humano vive em África há mais do que três milhões de anos, mas muito pouco se conhece àcerca disso. Apenas sobre a parte Norte – particularmente o Egito – conhecemos um pouco mais. Quase nada se conhece àcerca da África sub-sahariana porque, tanto quanto nós sabemos agora, nenhum povo que lá viveu conhecia a escrita.

A África tem uma ampla variedade de tipos humanos, desde os gigantes, altos, pessoas negras, pessoas muito pequenas, pessoas com tons de pele muito claros. Têm havido sempre constantes migrações neste continente — em 500 AD, por exemplo, o povo Bantu movimentou-se do sul para o Sudão, espalhando-se muito através da África. O continente teve alguns reinos muito bem organizados na sua história, como por exemplo a Etiópia no 4to século AD (com uma população muito mista); O Gana e o Daomé (hoje em dia Benim), que floresceram no séc.11.; e no 14º século o reino do Mali. Aquela civilização africana não era tão primitiva quanto muitos possam pensar. Mas por causa da influência tantas vezes agressiva dos europeus devido à acção dos cristãos e também dos muçulmanos, isso não lhes proporcionou a oportunidade de se desenvolverem mais durante muitos séculos.

Malaika

Agora, em geral, a evolução de todos os povos da terra mostra sempre adiantados e atrasados. Aqueles adiantados não são os grandes intelectuais, os grandes cientistas e equiparados, mas sim aqueles que têm uma consciência muito maior da unidade fundamental da vida, e aplicam o seu discernimento em benefício da sociedade. Em cada nação se encontram exemplos desta espécie de pessoas ajuizadas e compassivas – inclusivamente em África. No Swahili, a principal língua da África Oriental, uma tão rara pessoa compassiva é chamada *Malaika*, o que no Ocidente traduzimos por “anjo”.

A Teosofia afirma que cada grupo de pessoas é inspirado por um grupo de seres altamente evoluídos, conhecido pela Ordem da Sabedoria e Compaixão. Isto ocorre também no continente africano, como é evidente se nós estudarmos todos os traços do conhecimento esotérico que pode ser encontrado em milhares de histórias dos povos africanos. Em ordem a aprofundar a estrutura mais profunda da cultura africana e a filosofia contemporânea de Ubuntu, em

relação com a antiga Teosofia, iremos primeiro resumir brevemente os três pensamentos chave da Teosofia. Poderemos então fazer comparações para melhor compreender a filosofia Ubuntu.

Os três pensamentos teosóficos básicos são:

1. *Ilimitação* – Há um princípio vital que é a base de tudo. É ilimitado, nenhuma qualificação o limitaria. O Uno, o Todo, tal como o Tao Te Ching diz: o Tao que pode ser identificado não é o verdadeiro Tao. Porque o Ilimitado é omnipresente, cada ser, no seu mais profundo interior espiritual, é igual ao Ilimitado. Tudo é vida ou consciência.
2. *Movimento Cíclico* – Toda a vida se movimenta num processo cíclico de manifestação e imanifestação. A consequência para os seres humanos é que nós somos um ser composto de um interior espiritual e imperecível, com uma alma que é a parte que evolui e que é a expressão daquele interior imperecível e de um corpo que é uma parte transitória, como veículo através do qual nós ganhamos – vida após vida – experiência durante a manifestação.
3. *Igualdade fundamental e Evolução de todos os seres* – Todos os seres são fundamentalmente iguais uns aos outros, porque eles são centelhas da vida ilimitada. Cada consciência tem possibilidades ilimitadas de desenvolvimento. Com a evolução contínua de todos os seres, há vários estádios de desenvolvimento. Numa hierarquia espiritual, os mais desenvolvidos – os mais sábios – podem inspirar os menos desenvolvidos.

O Ovo Mundial de Dogon

Deixem-me dar alguns exemplos para mostrar que traços de sabedorias tradicionais e de sabedoria esotérica podem ser encontrados no continente africano.

Por exemplo, há vários mitos africanos àcerca das origens do mundo no qual nós próprios e o mundo somos de origem divina. Portanto nós somos basicamente de origem divina. Mas mesmo nestes mitos já era claro que este mundo está longe de ser paradisíaco. É por isso que se diz que alguma coisa estava errada na gênese do mundo.⁽¹⁾ Por exemplo, nas histórias do Dogon do Mali imagina-se que um primeiro movimento emergiu do assim chamado ovo do mundo, que existiu antes do Cosmos existir. Tal como nós conhecemos da filosofia indiana, o Ovo de Brahmã. No Ovo do mundo de Dogon, não há seres individuais no princípio. Então, no mesmo ponto, o primeiro ser, Amma, manifesta-se. Esse Amma é visto como

o arquitecto que produz nuvens e estrelas em grandes espirais e, como uma aranha deixa uma teia emanar de si mesmo e assim dá nascimento ao Cosmos.

Então Amma dá filhos que são chamados Nommo, seres divinos dos quais, depois de muitos desenvolvimentos, emerge a humanidade. Os humanos são, portanto, os reflexos destes seres divinos, mas durante este muito longo processo de gestação, muitas coisas correm mal, assim é que em última análise a Terra não é um paraíso mas uma escola de aprendizagem dura. O objectivo desta escola de aprendizagem é, contudo, chegar a realizar com maior profundidade o desenvolvimento auto-induzido, porque o homem é, na verdade, um ser divino.

É evidente que a primeira história – que delineei brevemente – é muito semelhante aos ensinamentos da Teosofia. E muitos povos africanos têm histórias análogas às histórias do Dogon

O Velho

Um segundo exemplo vem de P.G. Bowen, um irlandês que trabalhou no sul da África durante vinte anos no começo do último século. Em jovem conheceu um africano sábio, Mehlo Moya, que era um membro de uma muito antiga irmandade — e por antiga quero dizer que ela existia desde a altura das primeiras dinastias faraónicas no Egipto. Esta irmandade tinha diferentes graus e os membros dos mais altos graus eram chamados “aqueles que sabem”. Todos estes irmãos sábios estavam sob a liderança de “o Velho”.⁽²⁾

Bowen, depois de muitos anos de estudo, recebeu a mis-

são de publicar certos fragmentos de um trabalho arcaico, escrito numa língua Buntu muito antiga e desusada. Foi publicada como *Sayings of the Ancient One [Palavras de o Velho]*.

Com o conhecimento aprendido nesta antiga fraternidade africana, tornou-se claro como muitos dos básicos pensamentos da Teosofia também ressoam nela.

- A primeira ideia nesta filosofia africana é *Itonga*, que é explicada ao homem comum, em palavras simples, como “o espírito da tribo”. Mas tem também um significado mais profundo segundo o qual o espírito permeia toda a vida e do qual tudo emana. O homem é uma centelha de *Itonga* — o seu interior mais profundo e imperecível é *Itonga* e portanto todos os seres humanos são irmãos espiritualmente, emanados da mesma unidade. Há uma conexão de todos os seres. Esta conexão é essencialmente a mesma do que a primeira ideia básica da Teosofia: o Ilimitado.
- A segunda ideia é o conceito do movimento cíclico de todos os seres ou reencarnação; com um homem como um ser composto, consistindo num interior imperecível apontado pelo *Itonga*, com uma parte de aprendizagem *Idhlozi* — que na Teosofia é a alma que vem à terra ciclicamente para ganhar experiência e para tal tem um veículo, o corpo físico: *Umzimba*. O processo cíclico e reencarnação continua, depois deste longo processo de aprendizagem, até que o homem realiza, nas profundidades do seu ser, aquilo que

Theosophia	Antiga Sabedoria Africana
<p>1. Ilimitação</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>tudo está vivo, tudo é consciência</i> • <i>a conectividade de todos os seres</i> 	<p>1. Itonga: “O Espírito da Tribo</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Itonga – Espírito Universal – é a essência de todos seres</i> • <i>a conectividade de todos os seres</i>
<p>2. Movimento Cíclico</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>composição: espírito, alma, corpo</i> • <i>espírito imortal</i> • <i>reencarnação do homem</i> 	<p>2. Movimento Cíclico</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>composição: espírito, alma (Idhlozi), corpo (Umzimba)</i> • <i>espírito imortal</i> • <i>reencarnação do homem</i>
<p>3. Igualdade fundamental e evolução de todos seres</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>todos os seres são iguais</i> • <i>evolução de todos os seres</i> • <i>hierarquia espiritual: as insígnias mais sábias</i> 	<p>3. Igualdade fundamental e evolução de todos seres</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>todos os seres são iguais</i> • <i>evolução de todos os seres</i> • <i>hierarquia espiritual: os mais sábios inpires (o Chefe)</i>

é Itonga, conectado na unidade com todos os seres.

- A terceira ideia é que todos os seres são iguais – incluindo todos os seres humanos – mas diferentes nos seus estádios de desenvolvimento, e esta é a razão pela qual há uma hierarquia espiritual. A partir daqui também vem a ideia de que o mais sábio numa tribo, o Chefe, é aquele que devia inspirar os outros. Daqui se vê claramente que esta antiga filosofia africana é essencialmente a mesma que a Teosofia ensina. Especialmente quando nós consideramos que dentro desta fraternidade também a natureza humana da composição setenária era conhecida.⁽³⁾

A Filosofia de Ubuntu

Vamos agora deitar um olhar mais profundo à filosofia de Ubuntu. Segundo a Wikipédia, Ubuntu é geralmente descrito como uma filosofia ética ou humanista da África sub-sahariana, que está focada na devoção e no relacionamento entre as pessoas.

São possíveis muitas diferentes traduções de Ubuntu incluindo “Sendo Uno”, “Humanidade em relação aos outros”; “Eu existo porque nós existimos” – o subtítulo deste artigo – e “tornemo-nos humanos através dos outros”. Outra definição comumente usada. “A crença numa revelação partilhada que liga toda a humanidade em conjunto”.

Ubuntu é particularmente visto nos países de África onde as línguas Bantu são faladas. O significado da palavra Bantu é “pessoa” ou “ser humano”. Mas, porque a palavra bantu se tornou bastante corrompida por causa do uso do nome por parte do regime do apartheid na África do Sul por alguns grupos, o significado original ficou indistinto. A ilustração anexa mostra a distribuição de Ubuntu e das línguas Bantu. Como se disse, o Swahili é uma língua muito importante na África Oriental; no centro e no sueste da África temos o Gikūyū antigo, Lingala e Luganda, na África do Sul temos o Xhosa e Swasi e na África Ocidental, por exemplo, Ibibio. Estas línguas são muito diferentes, tal como as que nós temos na Europa, numa área relativamente muito mais pequena. Ubuntu é muito antigo e ganhou muito relevo especialmente na última metade do último século, pelo menos por causa dos desenvolvimentos na África do Sul.

Tutu e Mandela

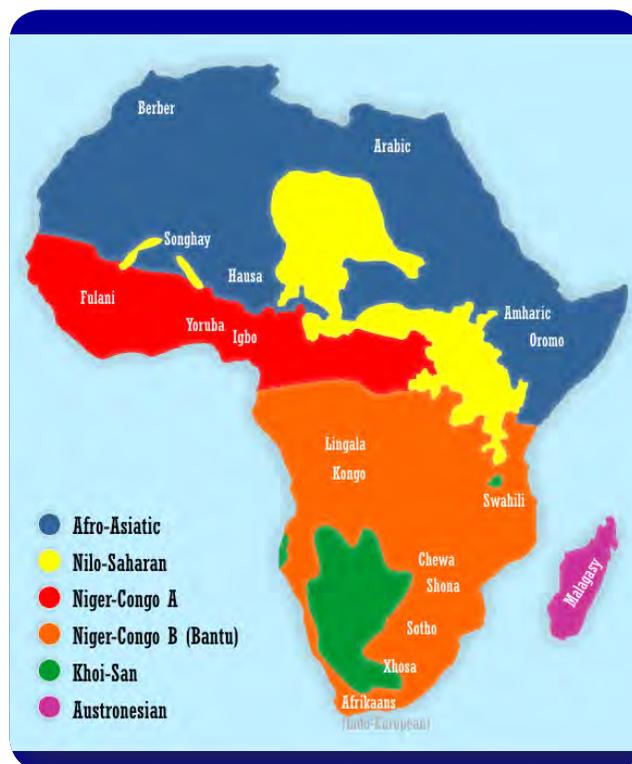
O arcebispo da África do Sul e activista dos direitos humanos Desmond Tutu define Ubuntu desta maneira:⁽⁴⁾

“Com Ubuntu uma pessoa está aberta e acessível aos outros, dedica-se ela própria aos outros, não se sente ameaçada pelos talentos dos outros, porque ele ou ela têm suficiente confiança para saber que somos uma parte de um todo maior e retrai-se quando os outros são humilhados ou quando são torturados ou suprimidos.”

Tutu criou a Comissão da Verdade e da Reconciliação que trabalhou para uma sociedade pacífica depois do fim do apartheid.

Nelson Mandela, o lutador antiapartheid e mais tarde Presidente da África do Sul, disse acerca do Ubuntu: “A filosofia Ubuntu é a filosofia da vida. A força vital espiritual conecta o homem com a sua sociedade e natureza. A realidade é um conjunto de forças dinâmicas e interactivas. O problema da restauração da harmonia e da paz num mundo fragmentado é um objectivo crucial. Ubuntu é conciliador”.

No YouTube pode ver-se uma entrevista⁽⁵⁾ com Nelson Mandela na qual este entendimento está expresso. Quando o entrevistador indica que ele – Mandela – é visto como a personificação de Ubuntu, Mandela dá primeiro um exemplo de como, em épocas anteriores, quando se atravessava o país e se chegava a uma aldeia, não tinha que perguntar-se por comida e bebida. Elas eram obtidas automaticamente pelas pessoas que se encontravam. E continua a indicar que Ubuntu é muito mais do que isso. Tal sentido comunitário também faz as seguintes perguntas:



devemos sempre trabalhar para o bem-estar e desenvolvimento da comunidade. Se se percorre este caminho, isso é um importante contributo para a comunidade. Não é sem razão que o vídeo acaba com a palavra-chave cooperação como definição de Ubuntu.

Os “Elders” — os mais Velhos

Depois da sua presidência, Nelson Mandela foi um dos iniciadores dos *The Elders*, um Conselho Mundial de pessoas proeminentes fundado em 2007 para ajudar a resolver problemas globais e conflitos, com Ubuntu como padrão. Wikipédia fala de “a ideia de sábios tradicionais das aldeias como base” Para além de Mandela e Tutu, este grupo internacional incluía o anterior Presidente Norte Americano Jimmy Carter e o Secretário Geral das Nações Unidas Kofi Annan. Outro anterior líder, Ban-ki-moon, ainda Vice Presidente, como a viúva de Mandela, Graça Machel e a antiga Presidente Irlandês, Mary Robinson, é actualmente a Presidente..

Desde o seu início, Os Elders têm estado particularmente activos a mediar conflitos e a prevenir escaladas. Como, por exemplo, as tentativas para prevenir o conflito na Síria. Mas eles continuam a manter activa a ideia de ajudar

as comunidades baseadas na filosofia Ubuntu.

Ubuntu e a antiga filosofia africana

O filósofo sul africano Mogobe Ramose escreveu um trabalho modelo sob o título: *Ubuntu: A filosofia africana por meio de Ubuntu*.⁽⁶⁾ Ramose é professor na Universidade de Pretória na África do Sul e é também um conhecido pensador na Europa Ocidental. Ramose torna claro no seu livro que Ubuntu tem nele importantes ingredientes da antiga filosofia africana, mas em alguns temas revela ligeiras e limitadas reflexões.

Comparámos as três ideias centrais da Teosofia com a antiga sabedoria africana. Vamos agora fazer a mesma comparação entre a antiga filosofia africana e Ubuntu

- Se nós dissecarmos a palavra Ubuntu, *ubu* pode traduzir-se por “ser em geral” ou “o todo compassivo” e *ntu* quer dizer “a concreta manifestação do ser no mundo material”. A ideia do ser uno, sendo parte de um todo maior – tal como da natureza e de uma comunidade de pessoas – tem sido preservada pela filosofia Ubuntu de uma forma pura e clara. Também encontramos esta expressão “eu existo porque

Antiga Sabedoria Africana	Ubu-ntu
<p>1. Ilimitabilidade</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>tudo está vivo, tudo é consciência</i> • <i>Conectividade de todos os seres</i> 	<p>1. Ubuntu</p> <p>Ubu-: “ser em geral” e ntu: manifestação concreta</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>“Montho ke montho ka batho [Sotho] “uma pessoa é uma pessoa através de outras pessoas” > colectividade</i> • <i>fazer parte de um todo maior: as pessoas e a natureza</i>
<p>2. Movimento Cíclico</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>composição: espírito, alma, (Idhlozi), corpo</i> • <i>Espírito imortal</i> • <i>reencarnação do homem</i> 	<p>2. Movimento Cíclico</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>composition of man: spirit/soul, body</i> • <i>espírito imortal</i> • <i>tudo está continuamente em movimento (cíclico) (panta rhei)</i>
<p>3. Igualdade Fundamental e Evolução de todos os seres</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>todos os seres são iguais</i> • <i>evolução de todos os seres</i> • <i>hierarquia espiritual o mais sábio inspira</i> 	<p>3. Igualdade fundamental e Evolução de todos os seres</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>batho: respeito mútuo e compaixão</i> • <i>evolução de todos os seres cuidar uns dos outros e da natureza; solidariedade</i> • <i>hierarquia espiritual o mais sábio inspira (o Chefe)</i> • <i>apoio via Lekgotla</i>

nós existimos” e nas palavras do Sotho que assim se pode ler: *motho ke motho ka batho* – uma pessoa é uma pessoa através de outra pessoa – que quer dizer tanto como isto: ser humano é afirmar e respeitar a própria humanidade através do reconhecimento da humanidade das outras pessoas e nessa base estabelecer relacionamento com outras pessoas.

- Ao mesmo tempo, Ubuntu aponta para ser e tornar-se, com o qual nós também achamos claramente o conceito de movimento cíclico. Tal como conhecemos a ideia de *panta rhei* da filosofia grega de Heráclito: “tudo flui”, tudo está sempre num estado de desenvolvimento. Isto é alguma coisa muito característica da filosofia de Ubuntu. Ramose fala também de “tornar-se ser”, notando que estes são processos cíclicos que estão conectados numa relação de causa e efeito. Neste desenvolvimento dinâmico devemos aprender a estar em harmonia com os outros e com a natureza. A noção deste movimento contínuo pode ser encontrada significativamente na cultura africana, no ritmo da dança, e na experiência da arte e da música. Na luz da ciclicidade, devemos notar que em Ubuntu é assumida a reencarnação, embora não expressamente. Ubuntu considera um homem um ser composto — não sob a forma de espírito, alma e corpo, mas apenas na forma de alma e corpo. Fala-se da imortalidade da alma, mas não da imortalidade do espírito. Ubuntu tem uma tradição de um culto ancestral. Do ponto de vista teosófico, pensamos que a sua origem é igual à da antiga China. Inicialmente os deuses foram reverenciados pelo entendimento segundo o qual eles estavam na origem dos primeiros seres humanos e portanto eles eram considerados os seus “ancestrais” e os humanos eram um reflexo deles. Eventualmente, porém, isto degenerou no culto de recentes gerações de ancestrais
- Para a igualdade fundamental de todos os seres, o termo *batho* é importante em várias línguas Bantu. Ele tem o significado de respeito mútuo e de compaixão. Cuidando uns dos outros, cuidando da natureza, vivendo em solidariedade uns com os outros, isso é elevado. Mas também com a ideia da hierarquia que no desenvolvimento há diferenças entre as pessoas e que portanto os mais ajuizados devem agir como chefes. Também encontramos a ideia do mais ajuizado em *LeKgotta*, ou *gotla*. Estas são reuniões onde os

adultos da tribo ficam em conjunto sob a liderança do Chefe, onde as questões e o plano de acção são discutidos com cada um. Deste modo, a ideia do que deveria ser feito é discutida em conjunto, toda baseada no consenso. Estas reuniões *gotla*, nas quais as pessoas querem agir *conjuntamente*, são realmente um princípio baseado totalmente na filosofia Ubuntu. Vamos falar disto com mais detalhe.

O diálogo em Gotla

Como é que Ubuntu toma agora forma na sociedade, por exemplo na governação, na política, na justiça, na economia?

Em qualquer caso dá-nos ele uma moldura diferente daquela que nós usamos nas nossas sociedades ocidentais. Há ideias interessantes nela, a partir da qual se pode aprender alguma coisa.

O governo tribal é ainda importante na sociedade africana. No *gotlas*, os adultos de uma tribo ou aldeia formam uma plataforma contínua para o diálogo comunitário. Comunicação aberta, fazendo planos de trabalho e tomando decisões; o objectivo é que a sabedoria e os talentos de todos os presentes sejam utilizados, por outras palavras, a inteligência *colectiva*. Muito importante e certamente diferente do Ocidente é o extraordinário esforço que é feito para chegar a decisões que cada um pode apoiar, porque também há apoio para a decisão tomada.

Os princípios que guiam os *gotlas* são muito claros, baseados na ideia da unidade, da importância da comunidade e da preocupação que há na abertura, que cada um fale e que não há agenda escondida. Com humildade, cada um trabalha realmente para construir um consenso sobre um tema. No Botswana usa-se uma expressão típica “o diálogo é a melhor forma de luta”, o que indica que as pessoas têm grande vontade de fazer grandes esforços para alcançar um acordo com todos. Isto é o conhecimento a que se deve chegar nos conflitos uns com os outros, de modo a dominar a violência. Os princípios do *gotla* podem ser entendidos como segue.⁽⁷⁾

- Cada adulto tem o direito de assistir ao *gotla*
- Cada voz conta
- Há confiança no diálogo
- Há respeito pela outra pessoa
- As histórias são meios de comunicar uma mensagem
- A verdade é partilhada
- Existe a audição perceptiva
- Segue-se sempre uma decisão

No passado eram principalmente os homens que participavam no gotla, mas em décadas recentes a emancipação, em parte sob a influência do Ocidente, assegurou que mais mulheres tenham participado no gotla.

Na pura filosofia Ubuntu, o *Chefe* – que lidera o gotla – é apoiado por elevados princípios. No Botswana, por exemplo, ele é *Chefe* pelo povo, o que quer dizer que ele está naquela posição com o consentimento do povo. Se ele não representar mais os seus interesses, ele pode ser deposto. É preciso que ele tenha sabedoria, que seja capaz de ouvir muito cuidadosamente, e descubra a verdade.

Acima de tudo, o *Chefe* deve procurar um caminho para construir uma perspectiva, ser o factor unificador e assegurar-se de que há uma atmosfera de confiança. Naturalmente ele é também aquele que assegura que as decisões reais são tomadas em devido tempo. E, em aditamento ao *Chefe*, os antigos anciãos tribais também têm um papel específico dentro do gotla como guardiães do conhecimento.

O Ubuntu versus governação ocidental

No quadro da página anterior, eu tentei – talvez um tanto rudemente – fazer uma comparação entre uma espécie de governo Ubuntu e os nossos hábitos ocidentais nesta área. Embora um pouco exagerada, esta comparação mostra as diferenças reais. No Ocidente, por exemplo, vêem-se as democracias parlamentares onde o interesse geral se

torna objecto de intensa guerra porque as diferentes partes têm diferentes interesses. Isto passa-se muito menos com a filosofia Ubuntu. Um sistema parlamentar onde “a maioria dos votos é que ganha” pode muitas vezes dificultar a função, enquanto na filosofia Ubuntu as pessoas falam até o problema estar resolvido. Na verdade, vemos a técnica ocidental a pensar com artimanhas artificiais ou interesses egoístas ou de grupos ao contrário da ética Ubuntu, a edificar a confiança e a qualidade.

Filosofia da Libertação

Ubuntu jogou um papel muito importante no processo de descolonização do continente africano nas décadas recentes. Enquanto grande parte da África estava ocupada a deixar-se dominar pelos poderes ocidentais, a filosofia Ubuntu assumiu muitas vezes o papel de uma filosofia de libertação humanística. Acima de tudo, era uma filosofia radicada na própria cultura africana, com a sabedoria própria desta cultura. Por esta via, os povos africanos eram capazes de se demarcar eles próprios dos modelos do pensamento ocidental da era colonial na base das suas próprias *raízes*.

Eis por que é que Ubuntu é também vista na história recente como estando na base da criação da actual República da África do Sul. As pessoas falam às vezes do renascimento da África, com a ideia de tomar decisões

Aproximação do Ubuntu	Aproximação ocidental
Enfatiza o interesse comum <i>“Existo porque nós existimos”</i>	Enfatiza o interesse individual <i>“Penso, então existo”</i>
Soluções comuns	Soluções individuais
Máximo resultado para a comunidade	Máximo resultado para o indivíduo / próprio grupo
Subir acima o interesse pessoal	Procurar o poder e a influência para o próprio /grupo
Talentos sociais altamente desenvolvidos	Talentos técnicos altamente desenvolvidos
Foco no ser humano e no bem comum	Foco no individual ou grupo próprio
Todos têm direito a ser atendidos pelo LeKgotla	Só os convidados têm autorização para entrar nas reuniões
O processo é baseado na confiança no diálogo, na consulta e as decisões baseadas no <i>consenso real</i>	O processo é baseado na negociação persuasão (debate), poder e <i>alegado consenso</i>



por consenso. Com o foco no interesse colectivo e a ética como linha de rumo.

Nelson Mandela foi inspirado por Ubuntu durante a sua prisão em Robben Island e pensou à cerca do futuro da África do Sul a partir desta filosofia. Ela deu-lhe coragem para pôr o interesse colectivo dos brancos e dos negros e portanto iniciou conversações com o governo minoritário branco para afastar o regime do apartheid. Entre a sua libertação em 1990 e as primeiras eleições não racistas em 1994 a África do Sul esteve na iminência de uma guerra civil sangrenta por vários anos. E foi precisamente por meio dos elementos de reconciliação da filosofia Ubuntu que Mandela foi capaz de prevenir tal catástrofe. A sua estratégia de reconciliação continua a inspirar muitos que estão à beira de conflitos nacionais e internacionais — mesmo que as pessoas não sejam capazes de descobrir essa inspiração (naquela filosofia).

Jurisdição

No que respeita à jurisdição, o Ubuntu tem alguns acentos marcadamente diferentes daqueles a que estamos habituados no Ocidente. Tal como escrevemos atrás, é essencial que ela respeite os direitos e liberdades da comunidade e

não prioritariamente os direitos e liberdades individuais. Além disso, respeita a situações concretas e não certamente a princípios legais abstratos, tais como os conhecemos no Ocidente.

Para além disso, é cortante que o *crime* seja central e não prioritariamente o *criminoso*. Como exemplo, resumirei a história do ladrão da vaca.

Numa pequena aldeia, um homem foi trazido durante uma reunião do gotla. Tinha roubado vacas e foi-lhe dada a oportunidade de explicar porquê. O homem explicou que tinha tido um ano difícil para si e para a sua família, que era grande, e que por fim não viu outro caminho senão roubar umas vacas para alimentar a sua família. Depois de uma longa discussão, o gotla chegou à conclusão de que o homem devia ser ajudado. Não lhe deram um castigo, mas sim um pedaço de terra e quatro vacas. Um ano mais tarde, no decurso do novo gotla, o homem foi trazido de volta outra vez; tinha voltado a roubar vacas. O homem foi falado outra vez e agora a reunião concluiu que a comunidade devia ser protegida contra o comportamento recidivista deste homem e que ele, portanto, não podia já morar na aldeia.

É claro, é questionável se foi ou não correcto expulsá-lo

da aldeia, mas a história mostra o princípio da condenação e julgamento do crime e não do criminoso. Em aditamento, a lei africana é positiva, isto é, é muito mais à cerca do “tu vás” e menos de “tu não vás”, porque assume que se deve viver segundo as regras da comunidade tanto quanto possível.

Restabelecendo a harmonia

A principal característica da inspirada justiça Ubuntu é a de restaurar a harmonia que foi perturbada entre as pessoas, e – se puder contribuir para esse processo – trabalhar para a reconciliação. A partir da Teosofia, esta imagem traz certamente à mente o karma, a lei universal de causa e efeito, também descrita como a lei da restauração da harmonia ou equilíbrio. Neste sistema, portanto, um crime não pode ser prescrito. A ideia é de que há um desequilíbrio e que, mesmo depois de muitos anos, a harmonia tem de ser restabelecida.

O restauro da harmonia, da reconciliação e a reparação são conceitos centrais da filosofia Ubuntu. O grande exemplo disto está na Comissão para a Verdade e Reconciliação da África do Sul.

A Comissão da Verdade e Reconciliação

Quando Nelson Mandela foi solto em 1990 e o apartheid foi abolido, houve um apelo forte para fazer justiça a todas as vítimas do regime. A ideia da Comissão da Verdade e Reconciliação criou um dilema. Alguns propuseram chamar todos os criminosos à justiça, outros amnistia para todos e começar uma nova África do Sul, com um novo programa e nova legislação.

Este “ou tudo ou nada” era considerado uma escolha difícil, porque perseguir todos os prevaricadores era um trabalho impossível e a amnistia para todas aquelas pessoas também estava fora de questão. A ideia base era: as pessoas queriam percorrer uma espécie de limpeza mental em ordem a trazer para a luz a verdade e a injustiça. Os prevaricadores tinham que dizer de que é que eles eram acusados e as vítimas tinham que ser capazes de dizer abertamente o que é que lhes tinha acontecido.

Assim, adoptou-se uma fórmula segundo a qual as pessoas que tinham feito coisas que eram inaceitáveis durante o regime de apartheid tinham que dizê-lo publicamente e explicar o seu papel no sistema, e desde então podiam ser candidatos à amnistia. Isto era um dos lados da equação para obter o mais possível um quadro da violação dos direitos humanos.

Por outro lado, eles queriam que as vítimas dissessem o

que realmente lhes tinha acontecido, também para restabelecer a sua dignidade. Subsequentemente – à luz do princípio do restauro da harmonia – um acordo compensatório poderia então ser discutido, de modo a que estas pessoas pudessem reconstruir as suas vidas.

A intenção era tratar do maior número de *casos* possível e o comité trabalhou durante anos, presidido por Desmond Tutu. Houve 22.000 reclamações de vítimas, mas apenas 2.000 foram capazes de contar a sua história em público. A primeira conclusão mais importante desde o relatório de 1998 foi a condenação do regime do apartheid como um crime contra a humanidade. A segunda conclusão importante, pelo menos tão importante à luz da restauração da harmonia, foi que os brancos que mantiveram o regime do apartheid, assim como os que pertenciam ao anc e que usaram um determinado grau de violência, eram culpados de violação dos direitos humanos.

O comité percorreu um longo e detalhado processo que contribuiu grandemente para pôr termo ao trauma colectivo da África do Sul. É visto ainda como um êxito, apesar dos aspectos difíceis do processo. Desempenhou um papel chave na transição pacífica de um país com um regime de apartheid para um estado multirracial. O foco da justiça tem sido sempre no restabelecimento da harmonia, da compensação e da reconciliação. O exemplo do comité foi bem-vindo por todo o mundo, mas pô-lo em prática provou ser sempre bem penoso.

O exemplo do Botswana

Como é que Ubuntu tomou forma na economia do país? Também aqui é essencial pensar em termos do interesse da comunidade e do colectivo. Já vimos como os três princípios da Teosofia e da antiga sabedoria africana podem facilmente ser comparados. A conclusão simples é que o país beneficia de uma economia sustentável, quer num sentido material quer mental. Por outras palavras, com respeito pela natureza, com facilidades sociais, com bons salários e preços e também respeito pelas crenças. É assim que se estabelece um país sustentável com Ubuntu. Botswana é um país no qual foi dito há décadas atrás que a filosofia Ubuntu é realmente aplicada. Em 2005, a revista *The Economist* proclamou o Botswana como a economia com melhor desempenho, graças ao uso do Ubuntu. As reuniões de gotla não são aplicadas apenas ao governo do país, mas também às companhias, em ordem a usar o poder do pensamento colectivo dos empregados e ganhar o apoio deles para a política da empresa. A um nível nacional, tem sido uma república multi-parlamentar desde

1966. As diferentes tribos do país têm, por intermédio dos seus chefes, um assento numa espécie de senado. Trata-se de uma democracia estável, sem muita violência e sem tensões étnicas. O limiar da pobreza caiu de 50% para 19% em 40 anos. Aponta-se por outro lado a turbulência que ocorreu após o aparecimento de pedras preciosas no solo — isto dividiu a mente do Ubuntu.

Exemplo de ética humana

Neste artigo fiz uma comparação entre a antiga filosofia africana e os ensinamentos básicos da Teosofia — e num esboço eles são idênticos um ao outro quando se consideram as três ideias fundamentais à cerca da Ilimitação, do Movimento Cíclico e da Igualdade e Evolução fundamentais de todas as seres. A Filosofia Ubuntu é um reflexo disto. Devemos, contudo, concluir que, na elaboração da perpetuação da vida, à cerca de, por exemplo, a ciclicidade sob a forma de reencarnação e da composição do homem, faltam as ideias ou não podem mais ser chamadas teosóficas.

Mas a ideia de colectividade onde o mais sábio lidera, os interesses da comunidade, cuidando uns dos outros, a compaixão, o respeito e a solidariedade são claramente elevados. A Filosofia de Ubuntu é claramente baseada na ética humana e, portanto, não há lugar para o pessimismo quanto à África. O Ubuntu, com a sua especial interpretação de, por exemplo, as reuniões e a justiça, pode certamente servir de exemplo para os países ocidentais na questão de como nós podemos crescer em direcção a uma sociedade ética na qual cada um se sinta em casa. Finalmente, alguns pensamentos de um antigo escrito Ubuntu. Como segue:

O Velho disse:

Aquele que caminha na Via da Luz está marcado por:

Compaixão : porque ele compreende as Necessidades do Animal Cansado, os Lamentos da Criança, e a Mente do Estrangeiro

Harmonia da alma: porque o seu olho apreende a Natureza, o seu Coração compreende a Natureza, e a sua Coragem habilita-o a cohabitar com a Natureza.

Qualidade em acção: porque ele Ama o seu Trabalho, ele Conhece o seu Trabalho, e Trabalha com Vontade sem esperar recompensa.

Visão Universal: porque ele ama todas as coisas, ele é justo para todos os seres, e serve a Lei com alegria.

Ó, meu filho, quando as Marcas da Verdadeira Humanidade estiverem gravadas na Substância do teu Ser, já não perguntarás mais por conhecimento, nem ansiarás mais por possuí-lo, porque tu serás o próprio conhecimento!

Nzgsisi kuve hambaseke lahlese! (segue o caminho em direcção à Paz).⁽⁸⁾

Referencias

1. Ver também Barend Voorham, "Áfrika-deel 1, Een verloren continent of een continent met toekomst?" Artigo em *Lucifer* holandês, vol. 19, Dezembro 1997, p. 189-196
2. P.G. Bowen, *Sayings of the ancient One*, Theosophical Publishing House, Adyar, / Wheaton 1985. O trabalho está habitualmente apenas disponível em alfarrabistas. Ver também Barend Voorham, "África deel 2, Een Verloren continent of een continent met toekomst?" Artigo em *Lucifer* holandês, Vol. 20, Fevereiro 1998, p.4-11
3. Ver P.G. Bowen, *The Ancient Wisdom of Africa*, Artigo na Teosophy, vol.82, nº10, Agosto 1994, p. 304-308, (nº3 de uma série de três partes).
4. Ver [https://nlwiki/Ubuntu_\(filosofia\)](https://nlwiki/Ubuntu_(filosofia))
5. Ver <https://www.youtube.com/watch?v=CGoxOEKgiaE>.
6. Mogobe Ramose, *African Philosophy through Ubuntu*. Publicações Mond Books Publishers, Harare, Zimbabwe, 1999.
7. Ver Willem H.J. *De Liefde, African tribal leadership voor managers. Van dialoog tot besluit*, Kluwer, Deventer, 2007.
8. Ver ref.2, p.41.



Um cometa é um corpo celestial na sua fase de infância. Quando um cometa planetário suporta todos os perigos durante os seus percursos, ele desenvolve-se num planeta.

Teosofia na Natureza

O processo de nascimento de um planeta

Como é que um planeta nasce? Se tudo está vivo e todos os seres estão eles próprios a incorporando sucessivamente, então os seres solares e planetários devem ter também uma espécie de processo de nascimento.

Para compreender o nascimento de um ser é necessário tomar consciência da força directora atrás do processo, como ponto de partida. Esta é a ideia sobre a qual toda a Teosofia está fundada. Então poderemos descobrir os *princípios* do processo de nascimento e aplicar estes a casos especiais tais como um planeta e um ser humano. O processo de nascimento é, em essência, o mesmo para cada ser, desde o átomo ao ser humano até um sistema solar. Mas a forma como isto acontece pode ser diferente, porque todos os seres variam em carácter e estágio de desenvolvimento. A escala temporal e espacial pode também variar enormemente. O nascimento de uma criatura cósmica, por exemplo, leva milhões de anos. Enquanto o mundo de um átomo, acontece, aos nossos olhos, tremendamente rápido.

O que é nascer, numa perspectiva teosófica ?

Todas as coisas têm alma. Toda a natureza é composta de seres. Deste modo, não há matéria morta em parte alguma. Cada ser é um ponto focal de consciência. Este ponto focal está

na sua natureza mais profunda, sem duração, sem tempo, eterna. Ao mesmo tempo, um ser está em constante mudança ; ele está constantemente evoluindo em ordem a aprender como expressar a sua natureza mais profunda, a sua própria essência. Em cada período de vida ele ganha experiências e aprende a desenvolver um pouco mais o seu potencial.

Não são os nossos pais físicos que nos “fazem”. E também não são os deuses que nos criam, mas no nascimento nós expressamo-nos a nós próprios, exactamente como nós estávamos no fim da nossa vida anterior. Nós *re-construímo-nos* a nós próprios. Nós vestimo-nos a nós próprios num corpo exactamente adequado ao nosso carácter e possibilidades.

Outros seres são contudo necessários durante o nosso nascimento: em todos os processos da natureza, nós vemos uma interdependência. Esses seres providenciam as condições que são desejáveis para nós: um meio protector e estimulante que convém ao nosso carácter. Por exemplo, nós humanos nascemos dentro da esfera de influência do ser planetário Terra,

Pensamentos – chave

» Com cada renascimento, o ser expressa as qualidades e as aptidões que ele desenvolveu em vidas anteriores.

» O processo de nascimento procede do espiritual para a parte mais física do ser. Cada degrau é uma emanção.

» Neste processo de nascimento, outros seres são essenciais; eles providenciam o meio e as condições adequadas.

» O processo do homem e do planeta diferem grandemente na forma, mas não na essência.

dentro da esfera de uma particular comunidade de pessoas e dentro da esfera de influência de um homem e de uma mulher, os nossos pais. Os nossos pais são os canais ou portas através dos quais nós podemos expressar neste plano exterior. Mas eles apenas facilitam, eles não nos criam. Nós somos atraídos para eles porque eles são uma ótima escolha: o nosso carácter é semelhante ao carácter deles.

O início do processo de nascimento

Na literatura teosófica pode ser encontrada uma fascinante quantidade de informação acerca do processo de nascimento de um cosmos, de um sistema solar, e do ser humano.⁽¹⁾ Vamos dar uma olhadela nos princípios.

O processo de nascimento começa muito mais cedo do que muita gente pensa. É porque o que nós vemos com os nossos olhos físicos é apenas o último degrau, o crescimento do instrumento físico (corpo). Mas o processo de nascimento já começa muito mais cedo, durante o período entre duas vidas. Depois de alcançar o que, para aquele ser, representa a mais elevada fase de descanso espiritual durante a sua morte, o processo de “ida para dentro” dá uma volta e aquela mesma consciência flui agora para fora degrau a degrau. Ela forma um ponto focal – centros de vida, consciência e substância – em todos os planos de existência. Primeiro, no reino espiritual, depois no mental, etc., até finalmente alcançar o nível físico. Deste modo, o nascimento tem lugar de *dentro para fora*. Com as palavras “dentro e “fora” queremos significar aqui diferentes esferas de consciência. Desde a para nós mais etérea até à mais física. Estas esferas de consciência permeiam-se umas às outras, elas não se situam espacialmente dentro ou acima umas das outras.

Emanação

Cada renascimento é um processo de *emanação*: um fluxo da consciência em direcção a mundos mais exteriores.⁽³⁾ Se uma consciência se quer manifestar numa esfera que é um degrau mais material, ela procede a uma conexão com um ponto focal que já está presente naquele plano mais baixo. Esse ponto focal estava adormecido por algum tempo, passivo, como uma semente adormecida de uma planta no solo. Através do estímulo dado pelo raio de consciência, este centro torna-se altamente activo, atraindo um incontável número de seres menos desenvolvidos que gradualmente constroem “o instrumento”, o centro vivo do corpo naquele plano particular. Aqueles seres mais “baixos”, relativamente primitivos, tornaram-se os tijolos vivos daquele instrumento material.

Nascimento de um planeta.

Nós, humanos, somos capazes de ver a última fase de cada processo de nascimento, na qual o instrumento físico é formado. Assim, os astrónomos podem seguir o nascimento físico de um planeta graças aos seus telescópios. As suas observações confirmam as explicações teosóficas, segundo as quais se trata de um processo de *emanação*. Na verdade, vemos primeiramente a formação de um ponto focal magnético.⁽⁴⁾ Isto tem lugar numa das “maternidades” da nossa galáxia, tal como dizem – e bem – os nossos astrónomos. Trata-se de um nome bom, porque aí as condições para o nascimento do planeta são óptimas. Aquelas condições não são coincidência, mas são trazidas por seres cósmicos, entre os quais a entidade que está encarnada na Via Láctea, a nossa galáxia.

Este centro magnético tece materiais gasosos à volta de si próprio. Recordemos que gases não são “mortos”, mas são antes entidades de relativamente baixo grau de evolução. A partir destas enormes nuvens de gás é criada uma névoa semi-etérea. Essa nebulosa começa a rodar e torna-se gradualmente mais materializada.

Subsequentemente, a nebulosa começa a mover-se e no decurso do tempo transforma-se num cometa. Ao fazer isso, ele atravessa vários sistemas solares dentro da nossa galáxia, durante uma longa jornada, em cada sistema solar e recolhe aqueles elementos que lhe pertencem.

Finalmente, o cometa chega ao sítio da galáxia ao qual pertence, karmicamente falando. O cometa planetário, por exemplo, regressa ao sistema solar que foi sempre o seu sistema solar no ciclo de vida anterior. Um cometa solar regressará à constelação ou sistema solar do qual ele fazia parte, na sua anterior encarnação. Ele formará um jovem sistema solar dentro daquela constelação.

Uma vez chegado o cometa planetário, seguro e salvo, dentro do seu próprio sistema solar, o cometa transforma-se gradualmente num planeta. A sua órbita torna-se cada vez mais de forma circular, enquanto o seu globo se torna cada vez mais material. Os planetas jovens têm mais matéria etérea do que os planetas adultos. Planetas tais como Saturno e Júpiter são jovens, eles estão ainda numa recente infância. Portanto, as suas substâncias têm características relativamente etéreas.

Nascimento de um ser humano

Também reconhece a *emanação* no nascimento de um ser humano? Definitivamente. O que é que acontece? O raio de consciência de um ego encarnante faz contacto com o esperma actuante e uma célula — ovo. Em alguns

casos, isto conduz à fertilização. A célula do ovo fertilizado é de facto o centro magnético que foi falado antes. Aquela célula atrai incontáveis outros seres- células e seres atômicos, os quais têm todos uma coisa em comum: eles são atraídos para as características daquele ser humano. O pai e a mãe desempenham naturalmente um papel essencial na fertilização. Para além disso, a mãe é necessária como uma esfera protectora durante o crescimento do embrião. De facto, durante nove meses, a mãe funciona como um canal e um lugar de trabalho; as entidades que o centro magnético do embrião atrai vão através da mãe para o embrião.⁽⁵⁾

Uma vez nascida a criança, os pais e todas as outras pessoas que estão envolvidas na educação têm um importante papel protector e estimulante até a criança estar completamente madura ou adulta.

Ser adulto significa que o eu humano reactivou todos os aspectos do seu carácter e capacidades, incluindo as capacidades morais e intelectuais. Só então será ele capaz de fazer as suas escolhas na vida de forma independente e responsabilmente.

Pode comparar-se o processo de nascimento de um homem e de um planeta?

Comparar o nascimento dos humanos e planetas não é tão fácil, por causa do presente método de reprodução da humanidade: com sexos separados, com um pai e com uma mãe. Nós não encontramos géneros separados em seres planetários, não há planetas machos nem planetas fêmeas. Nos humanos, também vemos um período de gravidez dentro do corpo físico da mãe. Também não vemos isso nos planetas. Dos globos físicos planetários não nascem “bebés físicos planetas”

De acordo com a Teosofia, esta divisão em mulheres e homens é uma peculiaridade da nossa *actual* fase de evolução. É temporária.

Antes de ter lugar essa divisão em géneros, há cerca de 20 milhões de anos, nós, humanos, tínhamos dentro de nós ambos os sexos. E antes disso nós éramos completamente assexuados. Os nossos corpos pareciam então muito mais esféricos e etéricos do que são hoje. Nesse primeiro estado assexuado, nós reproduzíamos-nos inicialmente por divisão e, mais tarde, por germinação.

No futuro, e não muito longe no futuro, nós humanos usaremos um meio de reprodução mais nobre e um meio de reprodução menos animal. Então não haverá mais mulher nem homem, mas apenas humanos. Nesse período, nós também aprenderemos a ver-nos uns aos outros como

seres humanos reencarnando e crescendo em espiritualidade e daremos então menos valor às diferenças superficiais entre humanos.

Podemos ainda encontrar um paralelo entre um planeta e um humano? Seguramente, mas este paralelo torna-se muito mais evidente se nós compararmos o nascimento planetário com os antigos métodos humanos de reprodução: divisão e formação por germinação. Os planetas e os sois nascem porque eles arrancam uma parte da nuvem cósmica para eles e separam gradualmente aquela parte do todo. Pode-se na verdade comparar isso à divisão da célula ou à formação por germinação, à escala cósmica. A analogia é também evidente se olharmos para muitos outros organismos mais baixos da Terra, que se reproduzem usualmente por divisão ou por germinação. Podemos mencionar os seres unicelulares e muitas espécies de plantas.

O embrião planetário e humano

Outro paralelo entre o nascimento do homem e de um planeta é: o embrião humano também passa através de uma névoa, estágio de cometa e planeta, numa escala muito pequena, evidentemente. Em primeiro lugar, uma massa informe de células é criada a partir de uma célula de ovo fertilizada, na qual dificilmente alguma estrutura pode ser descoberta. É a fase da nebulosa. As estruturas aparecem gradualmente, o embrião atravessa o trompa de falópio na direcção do útero. Esta é a fase do cometa. Uma vez chegado ao útero, o embrião é atraído para uma específica parte da superfície uterina, onde então cria “raízes”. Isto é como a fase planetária começa.⁽⁶⁾

O facto de estarmos aqui a lidar com um paralelismo, com uma similitude, é também evidenciado pelo facto de que a fase do embrião é a fase mais vulnerável em ambos, humanos e planetas. A espera para nascer falha com muita frequência. Os astrónomos descobriram recentemente que muitos cometas são engolidos por sois se não têm a velocidade e a direcção certas para atravessar com segurança o sistema solar.

E nós também sabemos que muitos jovens embriões morrem quando viajam através do trompa de falópio e do útero, usualmente devido a fraqueza interna. Em todas estas espécies de nascimentos falhados, a consciência subjacente fará outra tentativa para nascer num período de tempo relativamente curto.

Os pais e os professores do planeta e do homem

Quando um bebé nasce, a infância começa. Pais, mem-

bros da família, amigos, professores, etc., querem todos, através da interação da criança em desenvolvimento, ajudá-la na sua maturação física, psicológica e espiritual. Mas no meio daquele grande número de pessoas envolvidas, há sempre um pequeno grupo que tem uma excepcional grande influência. Por exemplo, um tio que desperta o talento musical no seu sobrinho. Ou alguém que desperta o idealismo num jovem. Mas tem de ser também alguém que estimula certos elementos de carácter em nós “por meio da resistência e da luta”. Por exemplo, alguém com o qual nós não progredimos muito, mas com que aprendemos a lidar com pessoas com outras características, ou aprender a pensar independentemente, etc.

Os seres planetários são literalmente influenciados por todos os seres cósmicos da Via Láctea, mas para os planetas há também um número de entidades desempenhando um especial papel. Esses são certamente grupos de estrelas, o ser solar ou o sistema solar ao qual aquele planeta pertence e sete outros específicos planetas daquele sistema solar. Estes sete planetas “monitorizam” o desenvolvimento planetário. Eles têm uma forte influência estimulante durante as fases de crescimento de todos os planetas.⁽⁷⁾ Estes sete são referidos na literatura teosófica como os “planetas sagrados” de um particular planeta. Cinco dos sete planetas sagrados do nosso planeta são: Mercúrio, Vénus, Marte, Júpiter, Saturno. E então não estamos a falar das esferas físicas sob esse nome, mas dos seres cósmicos que trabalham através destas esferas. Aquela lista de sete também inclui o sol e a lua, como podemos achar nas velhas escrituras. Mas não devíamos tomar estas palavras “sol” e “lua” literalmente, elas referem-se a dois planetas invisíveis- mas explicar isto agora é uma tarefa extensa. Em resumo, um ser planetário também necessita educadores que dirijam, supervisionem e estimulem o desenvolvimento do seu próprio carácter. E tal como nos humanos, há *mais do que dois*.

Mal-entendidos àcerca da palavra “reprodução”...

Começamos o nosso artigo por dizer por que é que incluímos este tópico nas séries “Teosofia na Natureza”. Muitas pessoas desejam investigar se um ser planetário tem todas as características de um ser vivo, características que encontramos também noutros seres vivos. Eles formulam muitas vezes esta questão assim: “Como é que um planeta se reproduz”? No fundo, os biólogos vêem a “reprodução” como uma das características da vida, embora haja uma quantidade de discussão àcerca disto.

Até agora, não usámos a palavra “reprodução” porque esta palavra está sobrecarregada com toda a espécie de mal-entendidos. Entre outras coisas, que a mãe e o pai “fazem” o bebé. E que o material genético da criança é determinado por uma combinação apropriada do DNA dos pais. Ambos os preconceitos são baseados numa visão fisicista da realidade: que essa substância é causal e que aquela consciência é uma espécie de subproduto da substância. Isto é justamente o ponto de partida oposto daquilo em que a Antiga Sabedoria ou Teosofia está baseada.

O esperma e a célula ovo que parecem provir “do pai” e “da mãe” pertencem actualmente ao ego encarnante, portanto à criança. De facto, as células sexuais pertencem a toda a humanidade. As nossas células sexuais são células universais, que nós passamos de geração para geração.⁽⁸⁾ Como células sexuais, elas transportam todas as potencialidades da humanidade mesmo as do homem de um futuro distante.

Cada ego encarnante será atraído para as células sexuais que para ele são mais desejáveis. Esta última consideração também explica por que é que o material genético não é determinado por factores de acaso, mas pela sua própria consciência, pelo seu próprio carácter. O DNA dos mais apropriados esperma e da célula ovo reflectem exactamente as características físicas deste ego reencarnante.⁽⁹⁾

Significado

Que lições podemos aprender dos conhecimentos teosóficos àcerca do nascimento do homem e de um planeta. Vemos que tudo coopera com tudo. Cada ser depende de muitos outros seres durante o seu nascimento, na sua vida exterior e também durante a jornada interior a que chamamos “morte”. Todos os seres emanam de uma unidade ilimitada e nós temos conhecimento disto a partir do facto de que vemos cooperação *em toda a parte no cosmos — dirigido a elevação espiritual de todas as vidas*.

Referências

1. Veja, por exemplo, àcerca do nascimento do cosmos, H.P. Blavatsky, *A Doutrina Secreta*, Vo. 1; G. de Purucker, *Fundamentals of the Esoteric Philosophy*, Capítulos 4-10. Àcerca do nascimento do ser humano, ver G. De Purucker, *Occult Glossary*, Lemma “Ego”. As duas últimas referências podem ser lidas online <https://blavatskyhouse.org/reading/gottfried.de.purucker>; pensamentos mais profundos são produzidos em: G. de Purucker, *Esoteric Teachings XII, Death and the Circulations of the Cosmos II*, I.S.I.S. Foundation, The Hague, 2015, pp.87-102
2. G. de Purucker, *Occult Glossary*, Lemma, ver ref 1

3. O processo de emanção foi descrito em: Henk Bezemer, “*Like a stream from its source. How we emanate from our spiritual core, Lucifer, the Lightbringer*”, nº 1, 2013; e “Exemplos práticos de emanção, espirituais e físicos; *Lucifer, the Lightbringer*”, nº 1, 2013, Perguntas e respostas.
4. G. de Purucker, *Esoteric Teachings IV*, I.S.I.S. Foundation, The Hague, pp.12-38
5. No nosso *Lúcifer* Holandês, foram publicados uma série de artigos sobre embriologia: Henk Bezemer: *Embriologia Oculta, Lucifer* holandês, volume 28, nº 6, Dezembro de 2006, pp.110-117
6. Ver ref. 5, pág.116
7. G. de Purucker, *Occult Glossary*, Iemma Seven holy Planets; G.de Purucker, *The Fundamentals of the Esoteric Philosophy*, ver, no seu index para “Holly Planet”. Para ambas as referências, ver ref. 2.
8. Ver ref. 6, p.114; e H Bezemer, “Het geboortepoces onder de theosofische loep” (“O processo de nascimento estudado numa magnífica perspectiva teosófica”), *Lucifer* holandês, vol.29, nº2, Abril 2007, pp.58-59
9. Bouke van den Noot “Waarom erfelijkheid zich zo lastig last voorspellen” (Por que é que a hereditariedade é tão difícil de prever).*Lucifer* holandês, vol. 39, nº 3 Junho 2017, pp.87-

Curso Pensar Diferente e Sabedoria de Vida

Recentemente surgiu a possibilidade de seguir o nosso curso “Pensar Diferente” com recurso ao ZOOM. Portanto, pessoas de todas as partes do mundo podem participar neste curso, no qual se aprende a conhecer as diferentes qualidades no homem.

O curso oferece a oportunidade de expansão da consciência. É ministrado em português.

O curso é composto pelos seguintes componentes: Unidade da Vida, O que é Realidade, A consciência composto humano, autoconhecimento, o processo de pensamento, pensamentos como seres vivos, ciclicidade e Karma, emanção e hierarquias, autogeração e evolução progressiva, Fraternidade Universal, Ātma-vidyā ou Conhecimento do Ser.

Ao fazer este curso, terá as chaves para compreender melhor os ensinamentos profundos da Teosofia, mas também para aplicar a Teosofia à sua própria vida.

Em consulta com os estudantes, determinaremos quando o curso pode ser realizado.

Se estiver interessado, por favor envie um e-mail para luciferred@stichtingisis.org e entraremos imediatamente em contacto consigo.



Há alguma relação entre o Planeta Vénus e as abelhas?

Pensamentos -chave

- » As abelhas têm origem no período no qual à primitiva humanidade foi ensinada a agricultura nos seus primórdios.
- » Nas suas consciências as abelhas manifestam o aspecto unitário do intelecto.
- » As abelhas não foram “importadas” de Vénus. Todos os seres evoluem na esfera do nosso planeta Terra, pertencem à Terra, no presente e no anterior ciclo de vida.
- » Ainda, as abelhas (e o trigo) podem ser puros exemplos do aspecto de Vénus na Terra. Nós, humanos, também podemos nos tornar esse aspecto. Haverá muitos ensinamentos mais profundos atrás dos factos presentemente conhecidos por nós.

Dentro do Movimento Teosófico desenvolveram-se vários equívocos àcerca da origem das abelhas. Alguns estudantes de Teosofia acreditaram que as abelhas “vieram do planeta Vénus”. Eles basearam esta ideia na sua interpretação de algumas sugestões veladas em *A Doutrina Secreta* e em *O Oceano da Teosofia*.

É verdade ou não? Há alguma relação entre Vénus e as abelhas? E se há, de que tipo? Um assunto fascinante àcerca do qual tentarei dar um pouco mais de clareza neste artigo, que é o último de uma série de três artigos sobre as abelhas.⁽¹⁾

Neste artigo recorreremos frequentemente a citações de professores de Teosofia. Estes dão a cada estudante a oportunidade de reflectir na informação dada originalmente. Acima de tudo, eles são sobretudo um incentivo para mergulhar nas fontes originais. *O Oceano da Teosofia*, escrito por W.Q. Judge, *A Doutrina Secreta* de H.P. Blavatsky e os vários livros de G. de Purucker, para estudarem este assunto por vós próprios. Só então se pode compreender o contexto destes fragmentos.

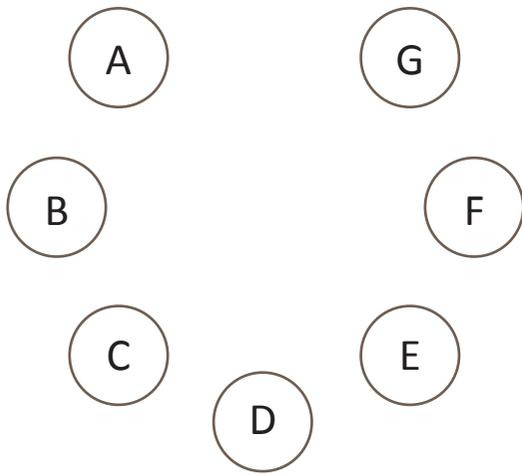
As origens das abelhas e do trigo

Começamos com uma citação de W.C. Judge a partir de *O Oceano da Teosofia*.

Mas pode incidentalmente ser dito que nem as abelhas nem o trigo podem ter tido a sua diferenciação original

nesta cadeia de globos, mas devem ter sido produzidos e acabados noutros, a partir dos quais foram trazidos para aqui. Por que é que isto devia ter sido assim vou deixar para conjecturar agora.

Na nossa literatura, “cadeia de globos” refere-se a um Ser Planetário completo, em todos os seus níveis de consciência e matéria. Tal como um ser humano completo consiste de parte divina, espiritual, mental, psíquica, astral e física, trabalhando em conjunto numa unidade, assim é comparativamente a mesma para um Ser Planetário. Todos aqueles diferentes níveis planetários ou “centros de vida” expressam-se eles próprios como globos, mundos esféricos mais ou menos etéricos como característica. A sua totalidade (eles formam um organismo Planetário) chama-se uma “Cadeia”, uma “Cadeia Planetária”,



Uma esquemática representação dos sete globos de uma Cadeia Planetária. Os globos A e G são centros com um carácter divino-espiritual, os globos B e F manifestam especialmente a potência mental da cadeia. C e E especialmente as potências formativas e o globo D, o mais material da cadeia, as potências físicas. Presentemente nós, os humanos, vivemos e evoluímos no globo D da nossa cadeia terrestre.

veja-se a ilustração na página seguinte. No topo da cadeia, a gerir e a conduzir tudo, está o Ser Cósmico a que nos referimos como “Planeta Terra” ou “Planeta Vénus”, por exemplo.

O globo ou esfera mais físico da Cadeia Planetária Terrestre é a esfera física na qual nós estamos constantemente reencarnados na nossa corrente fase de evolução. O nosso Planeta tem também 6 (segundo uma conta mais esotérica, 11) outras esferas que são mais etéreas do que a esfera na qual nós agora vivemos e ganhamos experiência. Em conjunto estas esferas formam um todo completo, um organismo, liderado pelo Ser Cósmico Terra.

A citação é claramente uma sugestão de ensinamentos teosóficos que W.Q. Judge não estava autorizado a explicar na sua totalidade. Assim, ele deu uma vista geral na qual todos os estudantes podem reflectir melhor. As abelhas e o trigo têm aparentemente tal carácter que a sua original diferenciação (isto é, a sua evolução específica a partir dos tipos básicos ou raízes típicas dos reinos animal e vegetal. Veja as páginas precedentes em *O Oceano da Teosofia* que W.Q. Judge dedica a este assunto) não podia ter acontecido *completamente* na nossa presente Cadeia Planetária. Uma sugestão que deixa muitas possibilidades abertas. É esta “outra Cadeia” a corporificação prévia do Ser Planetário Terra (do qual a lua é o corpo físico?). Ou é outro planeta do nosso sistema solar? W.Q. Judge nada nos diz acerca disto.

A introdução da agricultura na primitiva humanidade

Aqui vão algumas passagens que HP Blavatsky escreveu em *A Doutrina Secreta* acerca do trigo e da origem da agricultura — e lembre-se, W.Q. Judge menciona as abelhas e o trigo de um só fôlego. As abelhas e o trigo têm uma origem comum, assim o que nós descobrimos acerca do trigo pode ser possivelmente aplicado às abelhas. E vice versa. HP Blavatsky fala acerca do período do nosso desenvolvimento humano na qual a mente pensante da maioria das pessoas despertou devido ao estímulo de seres que estavam um degrau a mais na via da evolução do que o próprio homem. Estes seres são chamados “Kabiri” ou “Titans” nas passagens abaixo.

Portanto diz-se que os Kabiri apareceram como benfeitores do homem e então viveram durante muitas idades na memória dos homens. A eles, os Kabiri ou Titans, é atribuída a invenção da escrita (o *Devanagari*), ou o alfabeto e língua dos deuses), das leis e códigos; da arquitectura, e das várias maneiras da assim chamada magia; e do uso médico de plantas(...) São os Kabiri a quem é atribuída a revelação da produção do milho e trigo, a grande dádiva da agricultura.⁽³⁾

Estes Kabiri são chamados em sânscrito Mānasaputras, Filhos da Mente. Nos primeiros dias da humanidade pensante, eles lançaram as fundações de todas as nossas ultiores civilizações: a nossa religião, filosofia, ciência, arte, governo, as nossas técnicas. E acerca de agricultura H.P. Blavatsky escreve:

Frutos e grãos, desconhecidos na Terra até àquele dia, eram trazidos pelos “Senhores da Sabedoria” para benefício daqueles que eles governaram — de outros “lokas” (esferas)... “dizem os comentários.”⁽⁴⁾

Liga-se esta citação à seguinte informação fornecida por H.P. Blavatsky:

“Mas se é certo (segundo alguns cientistas do seu tempo, H.B.) que não havia grãos nem frutos desconhecidos na Terra, então devemos recordar o leitor que o trigo nunca foi encontrado em estado selvagem; ele não é um produto da Terra. Todos os outros cereais foram trazidos a partir das suas formas primogénitas em várias espécies de ervas selvagens, mas o trigo desafiou até agora os esforços dos botânicos para traçar a sua origem.”⁽⁵⁾

Em resumo: o aparecimento do trigo na nossa esfera física não pode ser explicado pela teoria segundo a qual este cereal é uma domesticação de uma espécie selvagem anterior de trigo que já cresceu na Terra. Como H.P. Blavatsky indica: uma explicação para isto está tão longe que não foi encontrado nenhum traço de um predecessor. Os arqueólogos e biólogos de hoje em dia encontraram pevides de um trigo antigo – por exemplo no Egipto – e talvez também variedades selvagens. Mas estas espécies acham-se onde não podem ser mais velhas do que seis ou talvez dez mil anos, o que é quase “ontem” comparado com o período de introdução da agricultura no alvor da humanidade, há muitos milhões de anos antes.

A partir destas passagens nós podemos tirar a ideia de que a consciência-trigo (e a consciência-abelha) tiveram um período de evolução noutros *lokas* (ou mundos) e que estes seres desenvolveram certas características que os fizeram muito úteis agora para toda a humanidade. Podemos viver sem trigo? Podemos viver sem abelhas, que cuidam da polinização de incontáveis colheitas? Este último caso assume uma importância capital, uma vez que as abelhas não estão indo muito bem nos últimos anos.

Que característica é essa?

As características das abelhas

Neste artigo nós partimos das abelhas para o trigo e vice versa. Porque algumas vezes encontramos pistas para um que ajuda a conhecer o outro — imaginando que eles têm uma origem comum e portanto uma característica comum. As características do trigo não são fáceis de apreender para nós. Não temos uma visão suficiente para mergulhar na consciência que anima o trigo. Àcerca das abelhas podemos dizer muito mais. O primeiro artigo das nossas séries àcerca das abelhas proporciona-nos várias pistas maravilhosas àcerca desta questão.⁽¹⁾

Uma colónia de abelhas demonstra, no seu comportamento, que ela funciona como uma unidade. Todas as abelhas trabalham em conjunto “como os dedos de uma mão”. Seja qual for o seu papel, elas estão submetidas ao todo. As suas acções também levam a testemunhar um alto grau de desenvolvimento da consciência animal; a sua linguagem, a maneira pela qual um enxame encontra um novo lugar recomendável para fazer um ninho, a precisão matemática dos seus favos, o modo como elas



No antigo Egipto, as abelhas e as estrias de junco simbolizavam o interior e as partes exteriores da Natureza. Era um título dos faraós ser “mestre de ambos os mundos”.



As variedades do tipo de trigo que era cultivado no antigo Egípto.

reagem às dificuldades inesperadas. Além disso, vemos que elas raramente matam outros organismos; elas descobrem o pólen e o néctar das plantas e têm um papel especial na polinização. Assim, elas não matam plantas. Apesar disso, às vezes matam animais; as trabalhadoras usarão o seu ferrão se a sua colónia é atacada por um animal (ou, na sua visão, por um ser humano). É também conhecido que, durante a sessão de trabalho das abelhas macho, (os zangãos) estes zangãos são transportados para fora da colmeia (guiando-os para a sua morte) ou, se eles tentam ficar na colmeia, são mortos.

Que características expressam as abelhas? Dominante é o que nós podemos chamar “o aspecto unitário do intelecto”: o intelecto (animal), guiado pelo princípio da unidade. Mas ao mesmo tempo já referimos dois exemplos em que as abelhas não têm uma interacção harmoniosa com outros seres: elas matam inimigos e zangãos. Há aqui um aspecto de violência. As abelhas ainda não acabaram de aprender. Agora uma das esferas da consciência do nosso planeta Terra é o nível a que nós podemos chamar “manas superior” ou “o intelecto superior”. Como todas as outras esferas, esta esfera permeia toda a Terra. Cada ser terrestre que desenvolveu dentro de si próprio este mesmo carácter, esta mesma “frequência” ressoará com esta esfera e actuará como “manas mais elevado”- centro para todos os seres dentro do seu próprio círculo.

Devemos acolher o pensamento de que as abelhas expressam esta característica dentro do seu interior, o reino animal. E talvez – por analogia – o trigo faça o mesmo no reino vegetal. As abelhas são pioneiras para os outros animais; pelo menos para os insectos e animais de nível mais baixo. O trigo é pioneiro dentro do seu reino natural. Os outros animais e plantas seguem o seu exemplo; eles são estimulados pela influência das abelhas e do trigo para desenvolver características semelhantes dentro deles próprios.

Mais exemplos àcerca da origem das abelhas e do trigo

De onde é que vêm as abelhas e o trigo? Isto é o que Gottfried de Purucker diz (numa citação atrás referida no “A cabeça exterior”) numa passagem dos seus até agora não publicados diálogos.

O Secretário: em *O Oceano da Teosofia*, (p.133) “dissemos que as abelhas e o trigo foram trazidos de outra cadeia de globos. Vieram da cadeia lunar?”

A Cabeça Exterior: sim, não apenas a abelha e a planta trigo, mas tudo na terra, seres humanos incluídos. Não quero dizer o ser humano no presente estado; mas as essências monádicas dos reinos humano, animal, vegetal, mineral e elemental — tudo vem da cadeia lunar. Nada pode vir para a Terra a não ser o que pertence aqui e nada jamais veio à terra a menos que pertencesse aqui. De outro modo não podia haver atracção. Ouvimos dizer que a planta trigo veio de outro planeta do sistema solar. Isto é um engano. Também o que foi trazido para aqui por alguma antiga magia, ou espécie de sorte, essa afirmação não é inteiramente verdadeira. Essa afirmação é baseada num mal entendido extraído de uma nota de passagem efectuada por H.P. Blavatsky; e a mesma nota poderia ser aplicada no que respeita às abelhas. Acrescentarei à maneira de comentários, Companheiros, as abelhas e o trigo são nalguns poucos aspectos particularmente interessantes nesta perspectiva. A próxima questão, por favor.

G. de Purucker, portanto, dissipa o mal-entendido que agitou as mentes de alguns estudantes. No passado, eles sugeriram a ideia de que as abelhas e o trigo, em períodos prévios de evolução, pertenciam a Vénus, à Hierarquia Planetária que se manifesta a ela própria como planeta Vénus. Assim, eles estariam envolvidos dentro daquela esfera planetária, até que por alguma razão eles foram

“transferidos” para o planeta Terra. Isto não é verdade, diz G. de Purucker. As abelhas e o trigo pertenceram e pertencem ao Planeta Terra, agora e na anterior corporificação do Planeta Terra e no futuro. As abelhas e o trigo vieram da “Cadeia Lunar”, a corporificação anterior do Ser Planeta Terra. E até este ponto não há diferença em relação a todos os outros seres que pertencem ao nosso planeta, incluindo nós próprios. Portanto, as abelhas e o trigo não vieram de Vénus, eles não são “estrangeiros”. Ao mesmo tempo, nota G. de Purucker, em linha com as sugestões de H.P. Blavatsky e de W.Q. Judge, que há muito mais para dizer àcerca da evolução das abelhas e do trigo. E ele deixa-nos o caminho livre para aplicar os princípios gerais teosóficos sobre estes assunto e pensar profundamente àcerca disso.

Há alguma relação entre o planeta Vénus e as abelhas?

Terminamos este artigo com a seguinte questão: há apesar disso alguma relação entre o planeta Vénus e as abelhas e o trigo, conosco, os humanos?.

H.P. Blavatsky associa a influência do Planeta Vénus com o Pensamento mais Elevado, com a *Alma Humana Reencarnante*.⁽⁶⁾ Os antigos gregos chamavam Vénus Phosphoros, o dador de Luz, nesta forma como uma estrela da manhã e Hesperos como uma estrela da tarde. Os Romanos traduziram a palavra grega como “Lúcifer” o Portador da Luz, o Transmissor da Luz, que prepara o Sol Nascente — o nome deliberadamente escolhido do jornal de H.P. Blavatsky e do nosso presente jornal.

Falando geralmente, todo o sistema solar é um grande organismo, uma unidade viva, uma colaboração intensa. Cada ser cósmico engloba dentro dele outros seres cósmicos, tal como os órgãos do nosso corpo englobam o todo e cada um dos seres.

Durante o seu nascimento e desenvolvimento, o nosso Planeta Terra é apoiado e estimulado por sete outros seres Planetários, que por essa razão são chamados os sete Planetas Sagrados. A estes sete Seres Cósmicos pertence Vénus. Estes sete Seres Planetários providenciam, pela influência que eles irradiam, o estímulo que desperta as faculdades adormecidas dos seres terrestres. Estes sete Seres, em conjunto com a Divindade Solar, são a família cósmica na qual nós, terrestres, crescemos. Eles providenciam o seu ambiente estimulante; cada um activa um aspecto diferente da nossa consciência. O Ser Vénus, como disse anteriormente, activa o Mais Elevado Pensamento em todos os seres terrestres capazes de vibrar com

essa influência, incluindo nós, os humanos! Nas palavras de G. de Purucker:

Cada planeta do nosso sistema solar deu a sua quota parte individual na construção do ser humano, tal como na construção da Terra. Estamos todos interligados, todos entrelaçados, com obrigações vitais e deveres de consciência. Nós fomos feitos de uma forma o mais maravilhosa e misteriosamente. Não há separatividade em nenhuma parte do Universo. É a “grande heresia” pensar-se desta maneira. Estamos em uníssono com os Budistas neste ensinamento.

Pode-se pôr a questão desta maneira: todos os humanos que agem a partir do seu pensamento profundo e altruísta manifestam o *aspecto de Vénus do Planeta Terra*: o pensamento iluminado. Dentro das suas vidas há “lúcifers”, portadores da luz à volta deles. Por analogia podemos dizer que as abelhas e o trigo fazem o mesmo dentro dos seus respectivos reinos, embora naturalmente não haja pensamento autoconsciente aqui. Mas mesmo nos reinos animal e vegetal há qualidades análogas aos mais elevados pensamentos no homem: a inteligência que está em harmonia com todos os outros seres.

Assim voltando à principal questão deste artigo:

Há uma relação entre o Planeta Vénus e as abelhas? Sim, há. As abelhas expressam o aspecto Vénus no nosso próprio Planeta-Terra, tanto quanto elas são capazes de o fazer.

As abelhas expressam, por outras palavras, a característica do Pensamento mais Elevado do Planeta Terra, que está a interagir constantemente com o Planeta Vénus, cuja característica chave é também o Pensamento Mais Elevado. O mesmo se diga para o trigo, por analogia.

O que é que isto significa para nós?

Nós, humanos, podemos trabalhar diariamente a partir da inspiração e das visões da mais alta esfera mental. Nós fazemos isto focando o nosso pensamento no bem-estar dos outros, vivendo de forma justa e compassiva, em resumo, permear o nosso pensamento com um sentido de unidade, com um sentido de conexão com todas aquelas vidas. Fazendo isto, vibramos instantaneamente com a mais alta esfera de pensamento. Tornamo-nos representativos dele, uma espécie de “abelhas humanas”, no sentido místico daquele símbolo, como está descrito no segundo artigo destas séries.⁽¹⁾

Referências

1. B.Peeters, “A Vida das Abelhas-parte 1,Uma real comunidade”, Artigo em *Lucifer, the Light-bringer* nº1, 2020,pág.16; B. Peeters “A comunidade das abelhas-parte 2, as Abelhas como símbolos” Artigo em *Lucifer, the Light-bringer* nº 3, 2020, pág.101
 2. W.Q. Judge, *O Oceano da Teosofia*, Capítulo 15.
 3. H..P Blavatsky, *A Doutrina Secreta*, vol II, pág 363- 364 (edição original inglesa)
 4. Ver ref. 3, p.373 (edição original inglesa)
 5. Ver ref. 3, pag 373-374 (edição inglesa original)
 6. H.P. Blavatsky, *Collected Writings*, vol. 12. Diagrama II, entre as pág. 532 e 533. Muitos mais ensinamentos àcerca dos planetas e do seu estado evolutivo e características são dados por G.de Purucker, em *Esoteric Teachings*, vol. 7, Fundação I.S.I.S., The Hague,2015, pp.87-105
-

Perguntas & Respostas

Atlantis e o Rāmāyaṇa

A Atlântida situava-se no Oceano Atlântico, mas os seus restos, tal como o Sri Lanka e Madagascar, estão localizados no Oceano Índico. O que há àcerca disso?

Resposta:

A terra central do grande quarto ciclo, a que nós chamamos Atlântida, estava localizada naquela parte da terra que é agora o Oceano Atlântico. Todavia, isso não quer dizer que não houvesse outros países noutras partes da superfície da Terra. Não se esqueça que o período da Atlântida durou milhões de anos e que naquele grande ciclo houve muitas civilizações que nasceram, tiveram o seu pico e morreram.

A Humanidade está agora vivendo no grande Quinto Ciclo, o quinto grande estádio do desenvolvimento da Humanidade nesta Ronda.

Na literatura teosófica estes ciclos são

chamados “Raças-Raízes”. Estas são aulas na escola da vida da humanidade que duram vários milhões de anos. Se olharmos para um período curto, nos séculos passados, vemos que a nossa civilização está dominada pela Europa e pela América. O Inglês, por exemplo, é a língua internacional da comunicação, mesmo para as pessoas que não falam esta língua como sua língua mãe. Todavia, isso não significa que não haja civilizações fora da Europa e da América

Pergunta:

Como é que se pode explicar que o príncipe Rāvana, do épico Rāmāyaṇa, ganhou tanta força no tempo da Atlântida? Poderia ser por causa da magia negra?

Resposta:

O Rāmāyaṇa, o grande épico da Índia, apresenta uma mítica e simbólica representação de como a antiga Atlântida passou no nosso presente grande ciclo. As pessoas, naqueles tempos

distantes – pelo menos alguns deles – tinham capacidades que nós já não temos mais. Uma força ou faculdade nunca são boas ou más por si próprias; o motivo com que aplica aquela força é que determina se é boa ou má. Rama, o heroi do grande épico Rāmāyaṇa, tinha poderes e capacidades que nós já não temos mais, mas Rama usou-as altruistamente. Rāvana usou-as em proveito próprio. Eis a grande diferença.

Pergunta:

É possível que durante o período descrito no Rāmāyaṇa e no Mahābhārata, flechas e arcos fossem usados como armas nucleares, cantando feitiços? Isto permitia aos utilizadores transportar chuva de fogo e utilizar outros meios especiais e causar muitas mortes.

Sem dúvida que deviam ter sido desenvolvidas armas nos dias dos grandes épicos. O desejo egoísta dos homens, pelo menos em certas alturas deste grande ciclo, foram mesmo mais fortes do que

são agora, com todas as suas terríveis consequências. Contudo, eles devem ter tido armas diferentes das que nós temos hoje em dia, porque os humanos tinham naquele tempo outros poderes. Nós triunfamos os desafios daquele tempo. Crescemos em consciência e temos um pouco mais de controle sobre os nossos desejos, embora tenhamos ainda um longo caminho a percorrer. Não acreditamos que houvesse armas nucleares naqueles remotos tempos. Acreditamos mesmo que nem sequer havia materiais radioactivos, que são necessários para essas terríveis armas. A evolução física do homem ainda não estava acabada. A radioactividade é um sinal de que a matéria está caindo aos pedaços e de que estamos no arco ascendente, a caminho de formas mais etéreas, o que é agora o caso, mas não no tempo da Atlântida.

Pergunta:

Pode ser que na era *Treta* dos hindus, grandes macacos poderosos lutassem ao lado de Rāma contra o poderoso demónio Rāvana?

Resposta:

Trata-se de uma questão que não é fácil de responder, porque os cientistas têm agora opiniões tão bem definidas sobre os humanos e macacos que contradizem o que a Teosofia diz acerca disso. Primeiro que tudo, não se trata certamente de nós, seres humanos, nos transformarmos a partir de um macaco ou de um antepassado de homem e macaco, como os biólogos materialistas dizem. O homem é o ancestral de todos os animais (mamíferos). Estes animais são os rebentos dos humanos, o tronco original. Isto quer dizer que, se voltarmos atrás no tempo, os animais pareciam-se mais com os humanos do que agora, porque estavam mais perto dos seus ancestrais naqueles dias. Recon-

heceremos ainda este facto no desenvolvimento do embrião nos animais. Num certo ponto é muito semelhante ao dos humanos.

Segundo as suas necessidades, os grupos animais especializam-se numa certa direcção, às vezes muito especializada.. Pense nos morcegos que têm que “tomar ar”, nos golfinhos que estão completamente adaptados à água, Deve também pensar-se que os humanos, naquelas distantes eras, pareciam completamente diferentes do que somos hoje, e que ainda não tinham autoconsciência. Ou uma mente activa. Isto foi há muito tempo antes da era Treta, à cerca da qual o autor da pergunta está a falar. Estamos a falar à cerca de um tempo de há cerca de centenas de milhões de anos, durante a primeira e segunda Raças-Raízes, e no início da terceira Raça-Raíz, como se chama em Teosofia. São idades que passaram há muito. Idades de evolução que passaram. Ainda temos que passar por muitas classes na escola da vida.

Quando estamos a falar à cerca do homem como ancestral dos mamíferos, não se deveria pensar certamente no homem como ele é actualmente. Estamos a falar de um ser sem consciência própria, que vive constantemente numa consciência de sonho. O seu veículo - o seu corpo - é quase totalmente diferente do de hoje. Ele tem um corpo parecido com um pudim, com um gel, muito mais etéreo do que hoje, mas que, apesar disso, era muito grande, medido pelos padrões actuais. As “células” vitais que pendem do seu corpo evoluíram durante uma longa evolução para várias classes de mamíferos.

Os grandes símios e macacos têm um lugar muito especial neste processo, porque eles emergiram do cruzamento entre os animais e os seres humanos. Os seres humanos daquela altura diferem muito pouco dos animais desse

tempo, os quais eram também muito diferentes dos de hoje. Os macacos emergiram a partir de uma mistura inicial dos ainda não auto-conscientes humanos e animais. Num muito mais avançado estado de evolução, durante a quarta Raça-Raíz, quando os homens desenvolveram a sua mente, este “pecado dos sem mente”, como *A Doutrina Secreta* os qualifica, - isto é, aqueles que ainda não activaram a mente - foi repetido. Nos corpos então formados, encarnaram egos meio humanos meio animais. Tornaram-se macacos. Mas atenção, aqueles macacos eram diferentes dos humanos e formam agora macacos viventes.

Agora alguma coisa interessante acontece quando se compara um embrião antropeide ou um bebé antropeide com um adulto ou um congénere idoso. O mais novo ele é, parece-se mais com um ser humano. O mais velho, quanto mais se distancia ele próprio do homem e se torna mais e mais parecido com o macaco, mais animalístico se torna. Isto é uma repetição do grande processo evolucionário. Os macacos e os símios afastaram-se incrivelmente do seu tronco original, os humanos. Assim, não se deve nunca qualificar um ser humano baseado no seu corpo. Nós somos humanos porque temos uma consciência humana, os símios são símios porque têm uma consciência de símios. Não podem pensar. Todavia, quanto mais perto eles estão dos seres humanos, tanto mais nos podem imitar. Os macacos em particular têm estado muito perto dos humanos no seu processo de nascimento, porque têm características parecidas com os humanos. Os grandes símios de um passado distante devem também ter parecido muito diferentes, como se diz em *A Doutrina Secreta*.

Bem, pode parecer implausível, mas nos tempos da Atlântida, há milhões

de anos, haveria grandes macacos que poderiam falar, formar exércitos e lutar. Como se diz no grande épico Rāmāyana. Os macacos mais avançados eram capazes de fazer isto. Eles imitavam os humanos, os seus meio-irmãos, tal como os chimpanzés gostam de imitar os humanos, mesmo hoje, apesar de ser num nível mais baixo. Muitos dos grandes símios extinguiram-se ao longo da história do nosso planeta, e os grandes símios de hoje, progenitores dos menos desenvolvidos grandes símios do tempo da Atlântida, não têm estas capacidades. Tornaram-se menos e menos humanos e mais animais, ainda que, de entre todos os mamíferos, eles sejam ainda os mais próximos dos humanos.

Para mais informação e explanação deste assunto, veja o livro *Man in Evolution* [“Homem em Evolução”], por G. de Purucker (ver: blavatskyhouse.org/readings).

Podem os animais aprender a pensar?

Pergunta:

Há uma diferença entre humanos e animais. Os humanos podem reflectir e os animais não podem. Mas antes de nos tornarmos humanos, nós fomos animais. Deste modo pode dizer-se que se pode aprender a reflectir?

Resposta:

Certamente, tudo pode ser aprendido. Cada ser é uma mónada, de uma consciência essencialmente ilimitada. A diferença entre os seres tem de ser feita com o grau para o qual eles prepararam aquela consciência essencial para uma força activa nas suas vidas. Os humanos têm desenvolvido ou expandido a

consciência pensante. Ou antes, nós estamos desenvolvendo a nossa mente pensante, porque estamos realmente mesmo no início desse processo. Porque aprendemos a pensar, também temos consciência própria. Quer dizer, a consciência pode ser reflectida nela própria. Estamos conscientes de que somos um ego. Podemos portanto pensar acerca de nós próprios. Podemos olhar para o espelho mental.

Agora os animais são essencialmente ilimitados tal como nós somos. Eles também têm capacidades. Um dia

desenvolverão a capacidade de pensar. A partir desse momento, todavia, eles não serão mais animais, mas humanos. Porque “homem” quer dizer pensador. Compare isso com uma lagarta ou uma borboleta. Uma borboleta pode voar. Mas uma lagarta não pode. Tem uma lagarta capacidade para voar? Certamente, embora latente. Ela ainda está adormecida. Só quando a lagarta se transformar numa borboleta é que aquela capacidade está activa. Mas então a borboleta não é mais uma lagarta.



A Doutrina Secreta
Um maravilhamento

A unidade de todas as coisas: Cosmogênese
Josy Mansur

Fohat, a força que move o universo
Fernando Mansur

O despertar do Prometeu interior
Barend Voorham (Holanda)

Dia 21 de setembro - Terça-feira.
Às 16 horas. Id Zoom 899 660 185 06.
Organização: Loja Teosófica Florianópolis.

A Doutrina Secreta, a obra-prima de Helena Blavatsky, ainda surpreende. Algumas breves palestras farão referência a este maravilhamento. Convidamos você para participar desse encontro organizado pelo Loja Teosófica Florianópolis.
Terça-feira, dia 21/09, às 16 hs.
(20:00 hs (horário do Portugal; 21:00 hs (CEST)

Link do zoom: <https://us02web.zoom.us/j/89966018506>
Link pelo Youtube: <https://youtu.be/8tUGd8RPDqg>

Cólofon

Editores: Barend Voorham, Henk Bezemer, Rob Goor, Bianca Peeters, Erwin Bomas, Bouke van den Noort

Editor-chefe: Herman C. Vermeulen

Sede editorial: De Ruijterstraat 72-74,
2518 AV Haia, Países Baixos
tel. +31 (0) 70 346 15 45
e-mail: luciferred@isis-foundation.org

Mensagens do leitor:

A direção editorial reserva-se ao direito de fazer uma seleção e/ou de resumir as mensagens recebidas

Subscrições:

Esta tradução para português foi feita a partir do 21.º número gratuito da versão inglesa de Lúcifer, o Portador da Luz. Para subscrições: enviar mensagem para a sede editorial: luciferred@stichtingisis.org.

O preço das nossas edições em papel custam €4,60 e €9,20 para uma edição dupla, excluindo portes.

Para pagamento pela internet – cartão de crédito (ver página de internet).

Editora:

I.S.I.S. Foundation, Blavatskyhouse,
De Ruijterstraat 72-74,
2518 AV Haia, Países Baixos
tel. +31 (0) 70 346 15 45,
e-mail: luciferred@isis-foundation.org
internet: www.blavatskyhouse.org

© I.S.I.S. Foundation

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida ou tornada pública por qualquer forma ou meios: eletrônica, mecânica, por fotocópias, gravações, ou de outra forma, sem permissão anterior da Editora.



Fundação I.S.I.S.

O nome da Fundação [Stichting, em holandês] é “Stichting International Study-centre for Independent Search for truth”. A sua sede é em Haia, nos Países Baixos.

O objetivo da Fundação é formar um núcleo de Fraternidade Universal, através da disseminação do conhecimento sobre a estrutura espiritual do ser humano e do cosmos, livre de dogmas.

A Fundação visa concretizar este objetivo através de cursos, organizando palestras públicas, publicando livros, brochuras e outras publicações, e recorrendo a todos os recursos disponíveis com vista a este fim.

A Fundação I.S.I.S. é uma organização sem fins lucrativos, reconhecido como o tal pela autoridade tributária dos Países Baixos. Para fins fiscais, a Fundação I.S.I.S. tem o que se chama de estatuto ANBI. ANBI significa Organização para o Benefício Geral (Algemeen Nut Beogende Instelling).

Os requisitos mais importantes para obter o estatuto ANBI são:

É uma organização sem fins lucrativos, portanto não tem rendimentos. Quaisquer lucros que resultem da venda de livros, devem ser totalmente utilizados para atividades gerais de beneficência. Para a Fundação I.S.I.S., isto significa espalhar a Teosofia. (Ver o estatuto, objetivos e princípios para mais informação.)

Os membros da Direção devem preencher requisitos de integridade. O ANBI deve ter uma propriedade separada, pelo que um diretor ou decisor não pode tomar decisões sobre esta propriedade como se fosse sua. A remuneração dos membros da direção apenas pode consistir de um reembolso de despesas e assistência. O número ANBI da Fundação I.S.I.S. é o 50872.

Fundação I.S.I.S.

As atividades da Fundação I.S.I.S. (International Study-centre for Independent Search for Truth) baseiam-se em:

1. A unidade essencial de tudo que existe.
2. Por causa dessa unidade: a fraternidade como um facto na natureza.
3. Respeito pelo livre-arbítrio de todos (quando aplicado a partir desta ideia de fraternidade universal).
4. O respeito pela liberdade de cada um na construção da sua própria perspectiva de vida.
5. Apoiar o desenvolvimento da própria perspectiva de vida de cada um e a sua aplicação na prática diária.



Porque esta revista é chamada de *Lúcifer*

Lúcifer, literalmente significa Portador da Luz.

Cada cultura no Oriente e no Ocidente tem os seus portadores de luz: os indivíduos inspiradores que dão o impulso inicial para o crescimento espiritual e de reforma social. Eles estimulam o pensamento independente e a viver a vida com uma profunda consciência de fraternidade.

Estes portadores de luz foram sempre contrariados e caluniados pelos poderes estabelecidos. Mas há sempre aqueles que se recusam a ser desincentivados por esses caluniadores, e começam a examinar a sabedoria dos portadores de luz de uma forma aberta e sem preconceitos.

É para estas pessoas que esta revista é escrita.

“... o título escolhido para a nossa revista está tão associado com ideias divinas como com a suposta rebelião do herói do *Paraíso Perdido* de Milton ... Nós trabalhamos para a verdadeira Religião e Ciência, para factos e contra ficção e preconceito. É nosso dever – como é o da Ciência física – lançar luz sobre os factos na Natureza até aqui cercados pela escuridão da ignorância... Mas as ciências naturais são apenas um aspeto da CIÊNCIA e da VERDADE. Ciências psicológicas e morais, ou a Teosofia, o conhecimento da verdade divina, são ainda mais importantes...”

(Helena Petrovna Blavatsky na primeira edição de *Lúcifer*, setembro 1887).